

-0. NOV. 1993

AVULSO

1. ESC.
1.20

ANO II - N.º 100

15

ABRIL
1943



UM 1.º PRÊMIO DE VIOLINO

Leonor Alves de Sousa, uma nova «virtuose» da rádio, que acaba de ganhar o 1.º Prémio de Violino no Concurso organizado pela Emissora Nacional.

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós

VÃO construir-se algumas centenas de edifícios escolares para a instrução primária. Registemos o facto, com o aprêço que ele nos merece. Arquitectonicamente, cada uma das escolas obedecerá ao tipo-regional. Na verdade, se a casa portuguesa oferece, na sua fisionomia, a marca característica que a torna diferente do Minho para o Algarve, ou da Beira para o Alentejo, não havia desculpa para a criação dum modelo único, abstracto e banal, produto duma uniformidade de mau gosto. Entendeu-se, e bem, confiar a architectos-artistas a solução do problema, o que nos dá a garantia de que, para os nossos filhos, teremos ninhos escolares — e não prisões pedagógicas.

II

O último romance de Alves Redol — *Fanga* — confirma exuberantemente as fortes qualidades de romancista já surpreendidas nos seus volumes anteriores. Pintando-nos a existência, simultaneamente dolorosa e fecunda, dos fangueiros dos campos da Golegã, Alves Redol dá-nos uma série de figuras flagrantes de verdade e de exactidão, ao mesmo tempo que a paisagem surge, servindo de fundo, em pince-ladas vivas de aquarela. *Fanga* — sombra medieval projectada até aos nossos dias — ficará, acima de tudo, como a tragi-comédia dos senhores vivendo da terra sem nada lhe darem, e dos servos fecundando as leivas sem nada receberem.

II

ALGUMAS marcas de tabaco subiram de preço, acompanhando solitamente a inquietante subida de tudo. Diz-se: quem quer luxos paga-os, ou, no caso presente, quem quer vícios tem de os sustentar — desde que os não possa corrigir. Mas será o tabaco um luxo, um vício — ou um género de primeira necessidade? Decidimo-nos pela última hipótese. Há mesmo muitas pessoas a quem faz mais falta um cigarro do que um

REJUVENESCER A CATEDRA

Na Faculdade de Direito decorreram, durante alguns dias, as provas do concurso para novos professores. O acto teve — como tem sempre — um certo cerimonial, com os lentes solenes, nas suas insígnias universitárias, professores vindos de Coimbra a tomar logar a par dos seus colegas de Lisboa. Sempre estes concursos assumem particular interesse, pois os concorrentes se recrutam, naturalmente, entre os mais distintos alunos dos seus cursos. E, também, porque sempre há a curiosidade de assistir ao que, de certo modo, representa o embate de duas gerações, a que está e a que vem. Seja como for, sempre daí resulta o fenómeno, a todo o tempo inevitável, da renovação da cátedra. A ciência actualizada tanto cabe nos cérebros jovens como nos que deixaram de o ser. Mas a experiência não nasce num relâmpago — tem que se formar lentamente.

PEDRAS PARA O ENTENDIMENTO

Esteve uns dias em Lisboa uma missão espanhola chefiada pelo sub-secretário de Educação Nacional. Veio a acompanhar a orquestra dirigida por Ernesto Halffter. Estas manifestações repetem-se — e não devem esquecer-se, como acontecimento da mesma estirpe, a exposição do pintor brasileiro Cicero Dias, a exposição do livro italiano, a visita do maestro britânico Campbell. Não há dúvida que se trata de admiráveis processos de criar simpatias, de estabelecer contactos, de preparar pedras para o edificio do entendimento e da compreensão que tem de ser o alicerce da amizade. Antes de mais nada, temos que nos regozijar com o facto em si e com as suas consequências, imediatas ou a longo prazo. Quando o maestro Pedro de Freitas Branco se desloca a reger concertos no estrangeiro, é um pouco de nós todos que vai mostrar-se por aí fora. Simples reciprocidade, de que não podemos deixar de regozijar. Mas é preciso que o nível dessas representações não corra o risco de nos diminuir.

LUTA DE VIDA

Apresta-se o mundo nos nossos pescadores para demandar uma vez mais os mares ricos de bacalhau. Ainda há dias foram, para a água dois novos lugares de grande tonelagem. O bacalhau é um peixe de ser curioso registar que, nalguns países cujas águas ele povoa com relativa abundância, se pasmam diante nosso paladar. Seja como for, as realidades mandam. É preciso dar-lhes satisfação — ontem, amanhã, agora, sempre... É a vida, com o monótono retorno das suas exigências, os esforços, as fadigas, os perigos, todos os pormenores que constituem o que vem a ser a luta. Mas essa é a luta pelo bem, a que não visa a destruições, mas a trazer-nos a todos um pouco de conforto, de segurança e de satisfação.

Vida
MUNDIAL
Cultivada

PUBLICA-SE TÓDAS
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR E PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA

T E L E F O N E : 2 5 8 4 4

bife. O tabaco, integrado nos hábitos domésticos, tornou-se para muita gente um elemento de vida imprescindível. Já não é um luxo, já não é um vício: é uma necessidade. «Levem-me tudo, o pão, a carne, o peixe, a vergonha, o pudor — ainda há pouco dizia um dos nossos mais ilustres homens de letras — mas não me tirem o cigarro.

II

UMA senhora das nossas relações, supondo-nos, aliás generosamente, enfiado em questões de modas femininas, pergunta-nos qual é, neste momento, a cor da moda. Pelo que sabemos, não hesitamos em dizer que é o branco. O branco, símbolo da candura e da paz, constitui o *dernier cri* desta primavera. Qualquer que seja o género de «toilette», o branco tem nela o seu lugar. Decerto que o azul, o vermelho, o cinzento, o verde, o mate, guardam o seu prestígio mundano, mas o branco, côr leve, fresca e graciosa, expressão da paz que todos ambicionamos, é a grande moda da estação — segundo nos informa o Instituto de Alta Costura.

II

A redacção da *Vida Mundial* deita sobre o Chiado — a artéria mais elegante de Lisboa. E, entretanto, talvez a grande maioria das pessoas se admire se lhe dissermos que este nome lhe vem dum taberneiro. De facto, na rua Direita das Portas de Santa Catarina — a popular antepassada da actual rua Garrett — havia, por 1560, uma taberna dum tal Gaspar Dias, de alcunha «O Chiado». Como lhe viera a alcunha de «O Chiado», não se sabe. O que se sabe é que ele morreu em 1567; que a viúva, que herdou a casa, passou a ser conhecida pela «Chiada», talvez como fiel homenagem ao marido; e que, em 1586, já se chamava, ainda que passageiramente, rua do Chiado à rua que havia de ser, mais tarde, a fina flor da topografia lisboeta.

Entre nós



Ao sr. engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e um dos homens de Estado a quem o país está já devendo uma notável obra de progresso e de reconstrução, foi há dias prestada uma justa homenagem de apreço e admiração pelos arganilenses residentes em Lisboa. São dessa homenagem as duas fotos que publicamos nesta página.



Na foto de cima: O sr. engenheiro Duarte Pacheco ouvindo ler a mensagem que lhe foi entregue. Em baixo: O Ministro das Obras Públicas agradecendo.

Um aspecto da inauguração solene, na Faculdade de Engenharia, no Porto, da Exposição do Livro Moderno Francês, acontecimento cultural e de intercâmbio luso-francês que foi muito bem acolhido na capital do norte.

No campo atlético do Sport Lisboa e Benfica, realizou-se há dias uma grande concentração de rapazes da «Mocidade Portuguesa», que vemos aqui exuberantes de mocidade e cheios de sã otimismo.



O "Romance" de um romancista...

Uma entrevista com Loureiro Botas

A TÉ que ponto podem influir na produção, as condições de trabalho literário? Viu-se que na manta retalhada de opiniões que é a nossa terra, até não falta quem pense que o escritor deveria ser tratado como uma espécie de deus olímpico, a quem se faria o sacrifício de vida cômoda, em troca de milagres de boa prosa — salvo seja! — refastelado, bem mantido, bem comido e bem dormido... Só assim — pensa-se — o escritor teria boa cria e poderia usar título de profissional. O que assim não fizesse — ou o que não produzisse em direito a vida cômoda — passaria à vergonha de certos mulheres do Oriente, postas de banda, por não serem fadadas para a procriação. Isto é: quem não tivesse direito a receber carteira profissional de escritor — e Deus sabe em que se fundariam tais direitos! — não poderia escrever...

O sofrimento, o conhecer da miséria e das incomodidades da vida deixaria, assim, de ser uma realidade experimentada do fazedor de romances. Seria uma função burocrática, estritamente bem paga a do romancista, que viveria a vida reflexiva, como aqueles que recebem pelo jornal o relato de um acontecimento.

Se para ser bom escritor ou escritor de boa vontade às letras, fosse necessária essa tabela de vida desprocurada de coisas materiais — seria possível esperar alguma coisa de melhor de Camilo e de Herculano?

Passemos adiante. Vamos falar de Loureiro Botas — vamos apresentar um argumento: não há profissão que impeça o homem de ser escritor, quando tem fibra para escrever...

Esse rapaz de menos de 40 anos que passa o dia diante de um balcão a fazer contas ou a aviar postais — não demonstrará com o êxito do seu primeiro livro que a arte é anti-profissional e intuitiva?

— Não sei nada de técnica, não estudei nada que se pareça com um sistema de medidas literárias. E confesso que fiquei atropalhadíssimo, quando alguns críticos vieram dizer, eles próprios confessando-se também atropalhadíssimos, que não sabiam se haviam de chamar conto, novela ou romão aos meus trabalhos... Escrevo assim instintivamente; se sei bem é porque, sem preconceitos de tamanhos, a inspiração não ditou mais nem menos páginas...

— Gosta de escrever?

— Muito. Vou publicar, no pró-

ximo inverno, o meu segundo livro: «Em frente ao mar». Gostaria de escrever um romance mas não me atrevo, não tenho tempo...

— Mas...

— Bem sei a que se refere: é que eu suponho que, para escrever um romance, preciso de «tempo em continuidade» que não necessita para uma novela... Um romance — disso é que parece não haver dúvidas... precisa de ser mais compreendido do que as 10 ou 12 páginas do conto...

— Quando começou a escrever?

HISTÓRIA DE UM ESCRITOR...

— Em 1938, apresentei o meu primeiro trabalho escrito, quando o Ateneu organizou os primeiros jogos acedistas. Quasi fui forçado a escrever «A Leonilda», primeiro prémio do concurso. Depois, em 1939, voltei a concorrer com «O Pinchejim» e voltei a ganhar o primeiro prémio.

— E como se encaminhou para as letras?

Loureiro Botas, muito simples e muito afável sorri. Ao princípio da sua conversa, há timidez — ele está a trepar os degraus que o levam da pastelaria para o Parnaso... — umas certas maneiras polidas de balcão. Depois, pouco a pouco, dá um salto: é o camarada, tu cá tu lá das letras que nos falta... E é assim que nos diz, com a vontade simpática, mais desenhado e sincero, numa parábola emotiva:

— Meu pai era homem do mar. Tinha companhia, Grande e generosa alma! Ganhou uma medalha, dada pela rainha D. Amélia, por tanta vida salva no mar. A nossa casinha de gente remediada na terra estava virada para o oceano que lava o coração da gente de Vieira... Ora, eu era o primogénito. E meu pai, porque eu era o menino prodígio do lugar, e para seguir a sua própria vontade, destinava-me a outros misteres que não fossem o da pesca. Mas meu pai meteu-se em negócios e o que o mar não levou roubou-lho a sua falta de jeito para a compra e venda. Minha mãe, sim, essa é uma fura-vidas. Parece que foi ela que me comunicou este jeito para pastelheiro, sem desprimor dos dotes que meu bom pai me legou, para escritor sonhador...

Loureiro Botas — o sr. Loureiro, como é conhecido no mundo comercial — sorri e diz que o quiseram meter no Liceu de Leiria, que «O Século» chegou a publicar correspondências da província, pedindo ao Governo que tomasse a sua conta a educação de um menino prodígio, em recompensa dos ser-

viços prestados pelo pai...

— Mas o Governo não fez nada e acho que nisso só andou bem. Meu padrinho reaparecia então na minha vida e levava-me para Coimbra, onde deveria esperar pela idade de entrar na Escola Agrícola, a caminho do diploma de engenheiro agrônomo... Afinal...

... QUE VAI PARA O COMÉRCIO...

— Afinal...

— Meu padrinho morreu e nunca cheguei a matricular-me. Voltei para casa. Depois fui caixeiro numa casa «mista» da Marinha Grande. Estraguei muito papel de manteiga «com os escritos» que levavam o patrão a dizer constantemente: «és mal empregado para isto, és mal empregado para isto». O certo é que pelo «ser ou não ser», fora das preocupações do Hamlet, vim para Lisboa, onde me matriculei logo no Ateneu Comercial, gostava de estudar línguas mas tinha horror à matemática.

— Estava empregado?

— Numa casa da rua da Misericórdia. Depois, passei para uma casa de retoseiro do Chiado.

— E depois...

— Fui um aluno regular. Fiz muitos discursos, às vezes de empreitada, porque graças a Deus, a «lata» que é tão precisa para as conservas, também faz jeito aos futuros escritores...

— Se não viveu sempre em Vieira de Leiria, como escolheu sempre essa gente e essas paisagens para os seus trabalhos?

— Por amor e por justiça. Gosto dessa gente boa, simples e forte que todos desconhecem. As mulheres — as mães, as mães dos pescadores! — são poemas vivos que ninguém poderia descrever, affianço-lhe...

— Nem você próprio?

— Ninguém... O que eu respeito e adoro essa gente e as suas manifestações espontâneas!... Ao ponto de chorar com elas quando as escrevo e vivo dentro de mim. O escritor emotivo:



—As vezes fico insensível a muito do que os jornais proclamam grandes manifestações de arte. Mas como-ma até às lágrimas quando vejo um velhinho, muito tremulo, devoto e muito ingénio, a compor a coroa de um santo, que vai no seu andar em processão!...

—Como estreme?

—Como calha... Nos intervalos do trabalho. Não faço emendas. É como sei... Mas gosto de ler os meus contos à gente da minha terra. Aquellos velhinhos juntam-se à volta da minha mãe, ao serão, e ouvem-me com lágrimas, sem perder uma palavra. De vez em quando elles dizem: «Foi assim mesmol Tal e qual!»

—Copia, então, do real os temas dos seus contos?

—Não copio. Mas às vezes aproveito pormenores e figuras. Escrevi há tempos uma novela — «Palácida». Quando a li ao meu público devoto, logo uma velha protestou: «Mas essa não se chama Palácida, é a Maria da perna torta!»

—O seu livro «Litoral a Oeste» foi um êxito...

—Eu não queria acreditar! Tenho uma carta preciosa do sr. Presidente do Conselho a quem ofereci o livro, por ser premiado pelo S. P. N. e guardo lá a visita que fiz ao Chefe do Estado a melhores recordações.

E vem a história:

—Tinha sido oficializado o Ateu e eu fôra encarregado de discursar em nome dos antigos alunos. As palminhas do costume... Mas, de repente, o sr. general Oscar Carmona levanta-se e vem abraçar-me. Fiquei atupalhadíssimo! Depois, quando publiquei o livro e o vi encarecido pela critica, pensei que seria uma forma singela de retribuir as boas palavras do sr. Presidente da República. Foi uma visita quasi sem protocolo que coincidiu com o dia em que se soube da decisão do juri do S. P. N.. Três vezes o Chefe do Estado me abraçou...

UM MUNDO NOVO...

—E teve outros testemunhos de apreço...

—Evidentemente. A minha vida formou-se um mundo de curiosidade. Por a minha pasteleria passar-me quasi todos os membros da embaixada que veio representar o Brasil nos Centenários e as montas passaram a estar cheias... pelo lado de fora... Depois, bem vê: enquanto para ver quem se põe em cheque, é preciso um trabalho doído, para me ver a mim, bastava virem pedir-me um copo de água... Em certa altura, tive a sensação de que era o macaco que vinham ver à gaitola!

E Loureiro Botas logo se arrende ao desabafo:

—Ah! mas não ponha isso na entrevista, que se não elas vão julgar que sou feio como um macaco — e eu ainda sou solteiro...

—Há-de colher muito ensinamento, através dos clientes...

—Oh! Oh! o que eu podia dizer nessa capitulação! Começava pelas «Memórias de um empregado de retroseiro...» A retrospectiva é uma excelente escola de bom gosto, de boas maneiras, de paciência e de elegância. A cliente chega, faz-nos deitar a prateleira abaixo, por causa disto e daquillo; demora duas horas a escolher e no fim pede uma amostra, para que a gente agradeça com o melhor dos sorrisos: «passe V. Ex.º muito bem, minha senhora e muito e muito obrigado!» É admirável! E os pasteleiros

têm realmente muito que aprender com os retroseiros! É por isso que eu estou sempre a dizer aos meus empregados: um sorriso não custa nada. E é uma arma delicada para vencer um cliente...

—Como se tornou sócio de uma pasteleria?

—Tinha um dinheiro. Dos Davud's onde estive doze anos, vim para aqui. E digo-lhes que, se os meus pastéis serviram de reclame do meu livro, este não ficou a dever nada ao pasteleiro! Esta dupla personalidade é, entretanto, dolorosa e difícil. As vezes, quando subo ao mais alto dos meus castelos de nuvens, dou conta que elles são feitos de claras de ovos... E, então, sempre me estatelo, cá em baixo — ao balcão, já se vê...

—Crê na sua missão de escritor?

...E NOVAS PERSPECTIVAS

—Hoje creio que posso escrever mais. Mas ao principio, quando lia opiniões nos jornais ou nas cartas, até sentia arrepios e comovia-me até às lágrimas, mal acreditando. Lembro-me que a primeira vez que não acreditei, foi a primeira vez que fui premiado no Ateu, por um juri de senhoras. Disseram-me muita coisa extraordinária mas eu atribui aquillo tudo à sua imaginação e sensibilidade femininas...

—Vingança ou recordações do tempo em que lhes vendia o retroz, heim?...

Mas Loureiro Botas não querê intrigas:

—Salvo o devido respeito! Eu é que não acreditava em mim, não era neias...

—E agora?

—Agora? Só vivo em cada ano os dois meses de férias que tiro aos meus afazeres... Escrevo então, leio, visito museus, exposições, vou ao teatro e ouço música. Não julgue que é snobismo. Fiz sempre estas fugas às escuridões.

—Não está a escrever para o teatro?

—Amélia Rey Colaço faz o favor de se interessar por uma peça que estou a escrever com Francisco Ventura — outro acellista laureado...

—Está em contacto com tanta gente e fica sempre fiel à do seu povo...

—Naturalmente que não ficarei sempre fiel à minha gente de Vieira de Leiria. Mas, confesso-lhe, até hoje, nenhuma me falou tão bem ao coração. Um dia terei de escolher outras personagens para os meus livros. Hoje, ainda são ellas o melhor motivo da minha emoção.

—Mas com a vida que leva há-de ser difícil escrever...

—Com boa vontade, tudo se consegue... Se todos applicassem um pouco de boa vontade a favor do próximo, nem sequer haveria guerras...

E vem uma última recordação:

—Sabe que por pouco não fui actor? Ainda estava na rua da Misericórdia, uma senhora meteu-me em cabeça que eu havia de ir para o teatro. Lá me deu uma carta para o saudoso e querido Araujo Pereira que me recebeu com bondade. Todos os dias me perguntava se eu já tinha decorado alguma poesia mas a mim, francamente, o que me interessava a partir de certa altura, era assistir às aulas, por causa dos alunos...

* * *

E assim terminou o romance de um romancista português que parece um romance americano...

História de uma LIÇÃO



Isto começa assim: elas são sempre mais sabidas. Por isso podem ensiná-las, enquanto de olhos atentos elles seguem os movimentos das mãos.

—Estás a perceber? Os cubos têm de ficar desencontrados...



Claro: elle percebe! Ela duvida do bom êxito da realização. É capaz de fazer tolices... E vê-se logo que sim. Afinal, os cubos não dão certos — ou antes não ficaram desencontrados e elle fez beicinho...



—Oh! menino, tu não vês que não é assim? Para que estive eu a ensinar-te com todas as cautelas?

Ele ri-se maliciosamente:

—Ah! agora percebi!

E é que percebeu. E, no fim, elles ficam a saber mais do que elas...

panorama internacional

PROCURA DA SOLUÇÃO

por Francisco Velloso

A maior ou menor sensibilidade com que divisa nos horizontes do conflito internacional, nesta hora, a sucessão dos factos, dá-nos a perceber, sobretudo a partir dos primórdios deste mês, que alguma coisa determinou os Aliados a, como usa dizer-se, *queimar as etapas*, e a provocar, se não o desfecho final, ao menos os desfechos preliminares, e talvez essenciais, da vitória.

Anthony Eden chegou a Londres no dia 4. A oitava seguinte surge com uma agitação, um enfervescimento estranhos. Dir-se-ia que pela primeira vez nesta guerra — há pressa.

PROLEGÓMENOS

Rememoremos que, ante a brusca reacção de Rommel e von Arnim em fins de Dezembro, que provocou a desforra de Alexander em Kasserina, a impressão britânica era de que o desembarcado ataque alemão «ia fazer adiar o ataque final projectado». A situação restabeleceu-se. Mas a impressão subsistiu. A batalha duraria semanas e seria difícil e violenta. O tempo passa. Os alemães anunciavam, por voz de Hitler, o termo da campanha de Inverno na Rússia, e o Fuehrer promete, a 21 de Março, que regressará dentro de um mês contra «a força do Destino».

Depois, Eden parte para Washington quando, num artigo do «Times», a defesa da influência russa no sueste e leste da Europa é preconizada com tal vigor que levanta brodos de protesto dos polacos, dos próprios yugoslavos e dos holandeses. Torna-se aparente uma discrepância ou um decesimento no bloco aliado. O ministro vai ser um mediador entre dois extremos: os Estados Unidos defensores titulados dos pequenos povos e o silêncio de Moscovo que, para além da declaração oficial de lhes respeitar a independência, não quer tomar mais compromissos sobre a situação futura da política europeia.

No fundo e na forma, o professor Inglês E. H. Carr's, autor do artigo do grande jornal inglês, ao colocar as quatro grandes potências (a Inglaterra, a Rússia, os Estados Unidos e a China) a comandarem o mundo, não inventa nada. Do lado alemão a doutrina é a mesma. O levante que causou, foi, porém, tal que Eden desautorizou-se na capital americana.

Dos resultados práticos das suas diligências nada se sabe senão o suficiente para se compreender um reajustamento de pontos de vista anglo-saxónicos para a marcha da guerra e para a organização da paz.

Não há, porém, hoje a menor dúvida de que chegado a 13 de Março dos Estados Unidos o chefe do *Foreign Office*, recebia lá a notícia de que a campanha ofensiva da Rússia estava finda e de que portanto a iniciativa das operações era devolvida às potências ocidentais. E o dilema foi pôsto: ou acelerar a acção destas ou deixar que divergências inevitáveis mas funestas corresse as grandes vigas de suporte do edifício das Nações Unidas. As notícias de Alemanha não consentiam duvidar de que tudo fora feito no Reich para um contra-golpe. Ignora-se ainda se na Africa do Norte havia já concluído o trabalho das concentrações militares. O que se sabe é que Montgomery atacou.

AKARIT

Depois da reacção de Rommel na Linha de Mareth, Montgomery que só recuara parcialmente, sem desmorder das fortificações, retomou a iniciativa a 28. Reproduzira a manobra de El

Alamein, atacando frontalmente entre a estrada da aldeia que deu o nome à batalha e o mar, mas circunvolvera de flanco todo o sistema da Linha, surgindo à retaguarda desta em El Hamá. O segundo arranco, neste flanqueamento produziu o resultado esperado: Rommel debaixo de fogo arrazador, escapullu-se, e veio alinhar no «wadis de Akarit». O primeiro duelo durara cerca de dois dias. Mas o marchal alemão manobrando taticamente bem impedira a junção do corpo franco-americano do general Patton com o 8.º exército, detendo o primeiro a leste de El Guettar. Era o indicado mas seria preciso que Rommel não conhecesse o adversário para correr

tal risco, isto é que se mantivesse no «wadis, custasse o que custasse. Ao norte do território da velha Regência tunisiana, o 1.º exército britânico pôs-se em movimento, repellido von Arnim para Jefora, no dia 6. Na madrugada desse dia, Rommel pagou caro a resistência. A infantaria britânica assaltava e rompia numa larga brecha de 20 quilómetros o «wadis de Akarit, e obrigava desta vez, com perdas que podem considerar-se graves, o adversário a correr para o norte. A junção de Patton e Montgomery effectuou-se a seguir. As forças alemãs sob chuveiros de bombas (em pouco mais de quarenta e oito horas, 282 aviões do Eixo foram abatidos) chegavam a Sfax retardadas, quando os americanos ganhavam a batalha de Massilia, ocupada a 9, o caminho do litoral. E paramos aqui, quando Anderson, através das montanhas pelo norte abre a frente desde o cabo Serrat a oeste de Bizerta até Medjez-el-Bab.

A ordem de Hitler é que o «Africa Korps», servido por tropas excelentes, se bata até ao último homem. O capitão Sertorius, porta-voz militar alemão, anunciou na noite de 8 de Abril que «a próxima linha de resistência é em Maknassy», mas do lado inglês a indicação mais firme era outra, «agora, para Kairman». Nestas alturas (e à data desta crónica, os alemães já abandonaram Pichon) equivaleria ao *coup de Jarnac*.

No dia 9, o *Daily Express* publicava uma fotografia quasi simbólica. Em qualquer parte do Sul da Tunísia, Montgomery e Eisenhower sacodem um forte apêrito de mão: «Shakes! diz o general em chefe. Greets, responde o vencedor. Dir-se-ia que a página capital da campanha está voltada.

ENCURTAR A GUERRA

Para no entanto no ambiente destes três meses feitos da guerra de Africa — tal como nas conferências de Washington — aquêta pressão a que venho a aludir à cabeça destes resumos.

As notícias de leste subscrevem todas as previsões de novos arrancos tentónicos. Os dois adversários acordam-se em preparativos. «O movimento de homens e material desenvolve-se ao longo de toda a frente russa, de 1.920 quilómetros. E a este respeito devem ser lidos com atenção os seguintes dizeres do «Times», notando o aprofundamento das operações na frente russa, em consequência do degelo: «Há contudo muito movimento nos caminhos de ferro, à retaguarda das linhas alemãs e os russos parecem prever uma nova ofensiva alemã logo que o terreno esteja enxuto». De facto, o correspondente da «Reuters» observa que «as escaramuças locais servem apenas para preparar posições para a campanha de Verão». E acrescenta: «Ambos os adversários trazem para a frente poderosas reservas para essas posições preparadas.

E acrescenta: «Se a Alemanha virtualmente não replica nesta ocasião aos ataques, é porque escolheu deliberadamente limitar a utilização das forças aéreas destinando estas para qualquer outra». E vai a conclusão de que «é urgentíssimo vibrar golpes dos mais duros, possíveis, à Alemanha, neste momento, dando assim um auxílio, em maior escala, à Rússia». E também necessário «combater os submarinos alemães, com toda a pericia e decisão, e levar as forças do Eixo na Tunísia a depor as ar-

mas, o mais brevemente possível».

O velho órgão conservador «Daily Telegraph and Morning Post», insistia no dia seguinte: «Cada semana que passa na Tunísia, é mais uma que os alemães ganham para organizar a sua ofensiva na Rússia e as suas defesas na Europa ocidental e meridional».

No dia 30 de Março, num almoço no *City Livery Club*, o general Sikorski, chefe do governo polaco que continua a ser o adal mais destacado das nações sacrificadas e oprimidas, dera uma síntese eloquente da situação e deste carácter de *ângulo agudo* que me sugeriu, talvez um tanto por intuição, sacada de informes recebidos quasi à última hora, o título da crónica do número passado desta revista.

«Tomemos cuidado com a propaganda alemã que, como é de esperar, nos dá uma ideia falsa da situação. Na frente oriental, os alemães conseguiram restabelecer o equilíbrio que havia sido desfeito com a sua derrota em Estalinegrado e no Cáucaso. Ainda fizeram mais — começaram um contra-ataque no sul e no centro, e devido à força dele retomaram Karkov, mostrando como querem conservar esta cidade, Orel Briansk e Smolensco. Não era preciso isto para defender a testa de ponte do Dnieper, apoiada como é por um grande sistema fortificado ao longo da linha de Orsa a Kiev. Mostra-se pois, bem clara a intenção do alto-comando alemão de principiar na primeira oportunidade uma terceira ofensiva contra os exércitos russos de 1943».

E em seguida o imminente homem de Estado da heroica Polónia insiste nas mesmas advertências que atravessaram o Atlântico e desceram da Rússia para se encontrarem em Londres:

«A guerra não será decidida só pelos acontecimentos na frente oriental. Se-lo-á nos campos de batalha da Europa em que há-de tomar parte todos os exércitos aliados. Nunca foi mais necessária a solidariedade entre os Aliados. Esta solidariedade deve hoje encontrar a sua expressão numa assistência crescente aos aliados russos».

E finalmente: «O nosso principal alvo deve ser encurtar a guerra, de modo a salvar as nações que estão a ser tão terrivelmente provocadas e até cruelmente destruídas pela potência ocupante. Este ano não se deve transformar num ano de desperdício de oportunidades, como foi o de 1918».

Eis porque a batalha da Tunísia se transformou também num problema de rapidez. «É preciso acabar com aquilo e quanto antes» — dizia há pouco o chefe do exército dos Estados Unidos. Limitada a terreno próprio ela exigiria meios de maior vulto? Talvez. Destinada, acima de tudo, a limpar o Mediterrâneo, antes de uma grande ofensiva geral, não pode prolongar-se mais do que já se prolongou.

Hitler marcou-lhe um prazo no seu discurso do Zagenhaus: — um mês. Acaba de pôr outro: antes de 15 de Maio os alemães residentes nos países balcânicos devem regressar à Alemanha. Os dois juntos completam a Primavera que é por sua vez o prazo da ofensiva submarina alemã no Atlântico.

A BATALHA SEM FIM

Desmentiu-se que o alto comando da esquadra italiana tivesse sido assumido pelo chefe supremo da Armada alemã, o almirante Doenitz, mas não podem negar-se as conferências que

(Continua na pág.22)

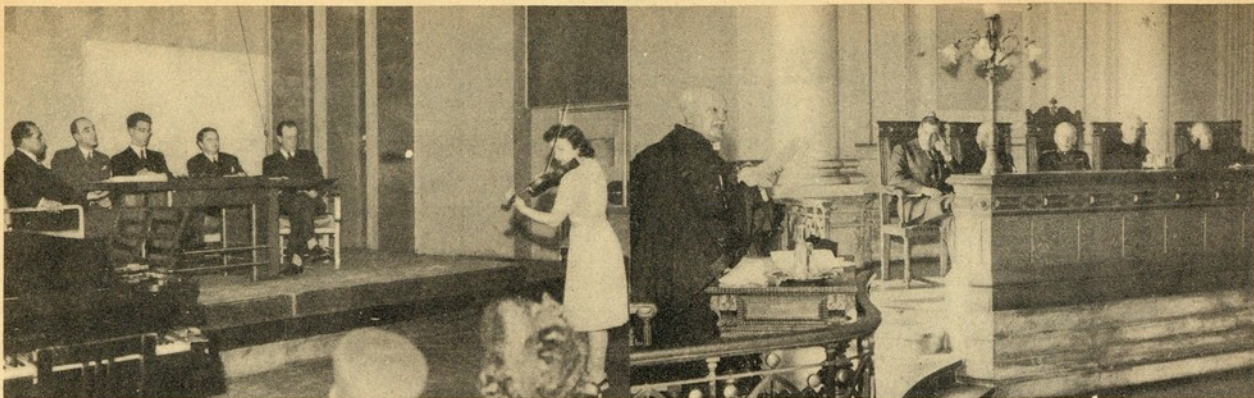
Um Novo e Surpreendente Pó de Arroz

que dá um Tom de Pele Maravilhoso e Belo

Dez vezes mais fino porque é feito por um processo novo que o torna leve como o ar. Praticamente invisível em cima da pele — parece natural — não lhe dando aparência emagullhada. Adere todo o dia, mesmo com vento e chuva. Nadá de «nariz brilhante», mesmo que dance toda a noite na sala mais aguçada, porque o Pó Tokalon é misturado por processo patentado, com a «Mousse de Creme». Existe à venda em 10 tons moderníssimos, bem parisienses, criações dum Especialista francês de beleza. Só no PÓ TOKALON se encontra estas surpreendentes vantagens. Experimente hoje mesmo. Olhe para o espelho e verá uma imã-bem, a Sua, fascinante, sedutora e bela.

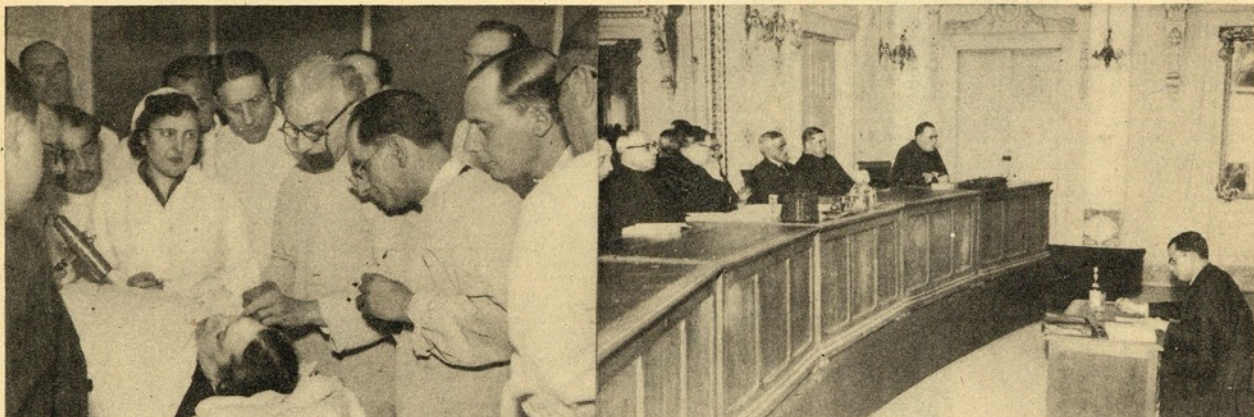
A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.





Vamos ter novos artistas da Rádio. Foram-nos revelados num recente concurso efectuado pela E. N. e são constituídos por pianistas e violinistas, Leonor Alves de Sousa, 1.º prémio de violino, é surpreendida pelo fotógrafo. O prémio de piano foi ganho por Nella Matias e as provas de violoncelo efectuam-se no mês de Maio.

O médico Sousa Martins teve o seu nome glorificado e a sua obra elogiada para celebrar o centenário do seu nascimento. A sessão de abertura realizou-se com a presença do Chefe do Estado e membros do governo na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde os professores Moreira Júnior, Reinaldo dos Santos e Azevedo Neves falaram dos méritos de Sousa Martins.



Eis o aspecto de uma das quatro operações efectuadas no hospital de S. José pelo oftalmologista espanhol Dr. Hermenegildo Arruga que veio a Lisboa, a convite do Dr. Sertório Sena. Estas operações constituíram qsalinalável lição — e lição foi a conferência que o cientista de renome mundial efectuara antes na Faculdade de Medicina.

Quatro candidatos a professores da Faculdade de Direito se apresentaram a prestar provas que ainda não terminaram. O Dr. Pires da Cruz, como se vê aqui, responde ao professor Paulo da Cunha e Manuel de Andrade que são os argüentes.



Visitou-nos o sr. D. Jesus Rubio, sub-secretário de Estado da Educação Nacional de Espanha, que vinha acompanhado de elementos destacados das Letras e das Artes, do país vizinho. Vieram assistir aos concertos da Orquestra Sinfónica Nacional de Madrid, e preparar a exposição de escultores e pintores contemporâneos que há-de realizar-se em breve em Lisboa. O sr. sub-secretário da Educação Nacional ofereceu aos visitantes um almoço e é deste o aspecto que reproduzimos.

Dorothy Lamour

Dorothy Lamour, a única artista de cinema americano, que não pôde trabalhar numa fábrica para o esforço de guerra, por causa da sua aliciante formosura — acaba de consorciar-se. O noivo é o capitão William Howard, um felizardo que, está claro, vai ter um trabalho para conservar o coração da mais linda estrela do écran...

7 dias de Cinema

not Fernando Fragoso



O cinema americano é essencialmente optimista. Os seus espectáculos, dum modo geral, respiram saúde e alegria de viver, decorrem em cenários sumptuosos, embalados por aliciantes melodias e animados por actores e actrizes que dignificam, sob o ponto de vista estético, a espécie humana. Alguns pretendem que esse mesmo cinema é perigoso, sob o ponto de vista social, porque contribue para dar uma noção demasiado bela — e demasiado falsa — da vida! Apresentando, com ar natural e convincente, esse ambiente quimérico, cria — dizem os azedos censores — uma insatisfação que advem do cotejo entre a ficção e a realidade. E é essa a razão, afirmam ainda, que levou certos países a proibir a exhibição destes filmes, que revelam Babitt, burguês mediano, instalado no seu «bungalow», plantado no meio dum jardim florido, e enquadrado pela grade de madeira, pintada a «ripolin»; nos mostram o filho, ao volante do seu carro utilitário; e, pela mão da mamã, nos conduzem à cozinha onde aparece a torradeira eléctrica, a máquina de lavar a roupa e o «Frigidaire», do último modelo, sonho inacessível para 99 por cento das donas de casa alfacinhas...

Parece-me infantil e primário o raciocínio dos que assim pensam. Se os filmes, que documentam tão grato «train de vie» são perigosos, porque tornam a humanidade infeliz e insatisfeita, que diremos então das montanhas tentadoras das lojas da Baixa, coruscantes de jóias e brilhantes, recheadas de bolos e guloseimas, atentatórias do prestígio das magras bolsas, na parada cariciosa das capas de pele e dos mantos de arminho?! Censurar o cinema por nos revelar, a par das paisagens longínquas que não podemos visitar, o ambiente de abundância e conforto que não podemos usufruir

— parece-me argumento de despeitados, de acordo com a moral dos que não têm coragem para enfrentar as realidades do dia-a-dia e consideram a sua mediania afrontada com o bem-estar dos outros...

* * *

Falámos de optimismo — e desviámos-nos, insensivelmente, do tema inicial. Hollywood, com efeito, não se intimidou com o dramatismo de certos temas, para os tratar com o seu proverbial bom humor. Foi o malogrado Van Dyke que abriu o caminho, há muitos anos, quando se lembrou de tornar um vilão no mais encantador dos galãs — e combinar os alucinantes mistérios dos filmes policiais com a graça das mais picarecas situações. «O Homem Sombra», interpretado por William Powell e Myrna Loy, inaugurou a série. E, desde então, os filmes de terror e os filmes de espionagem modificaram-se... E aquilo que habitualmente constituía o prato de resistência para manter o espectador em constante sobressalto, desfez-se em gargalhadas, tanto mais estridentes quanto é certo que brotam mais vivas e espontâneas, depois de submetido o espectador a uma tensão nervosa, comandada pela ansiedade...

«A Minha Loira Favorita», que o Eden nos deu, pertence a este ciclo, que vem reembarcar um género que, à força de explorado, começava a cansar. E é curioso notar que Bob Hope, na mesma época, surge como protagonista de um filme de terror — «O Palácio dos Fantasmas» — e dum drama de espionagem — «Minha Loira Favorita» — que constituem, dentro das películas cómicas produzidas na Cinelândia — dois autênticos e rotundos êxitos de gargalhada!

* * *

Eu não sei se o leitor atentou em Bob Hope. E, incontestavelmente, um dos «casos mais sérios» do cinema de todos os tempos. Os críticos americanos não hesitam já em compará-lo a Charlot, não na índole dos seus processos cómicos, mas no engenho e na projecção da sua arte, na chama interior que a insulfia, no talento inato de fazer rir — na prodigiosa mimica, que o serve.

Em «Minha Loira Favorita» há uma passagem que documenta, largamente, as suas qualidades insuperáveis: refiro-me à cena muda em que Bob, no salão de fumar do «pullman», é enquadrado por indivíduos de má catadura, que o perseguem, com torvos designios. O constrangimento de Bob, o seu falseado à vontade, a maneira como procura entreter os algozes e a forma como se sai da situação — bastam, só por si, para definir o valor do artista.

Bob Hope e Madeleine Carroll, o alegre par de «A minha loira favorita», nos prelúdios dum cena de amor à maneira do desconhecido galã cómico...

Bob Hope é um cómico «sui generis». Porque é, ao mesmo tempo, um galã — um galã que convence. Quando a Dorothy Lamour lhe cai nos braços, parece-nos «possível» — e natural. E este facto, aparentemente insignificante, ilustra, só por si, os seus processos! A timidez e a distração, a ingenuidade e a fantasia — fazem parte integrante da sua maneira de ser. Bob Hope, nos seus filmes, aparece, quase sempre, no meio de tenebrosos «embróglios» ou de estranhas maquinações, sem saber ou sem se dar conta. Da forma audaz, por inconsciente, como marcha ao encontro do perigo; do engenho com que se «sai» de todas as «armadilhas» e perigos que o ameaçam — resulta, em boa verdade, o seu prestígio cómico. A timidez não amor — de hilariedade garantida — já explorada desde os tempos de Chaplin e Buster Keaton — faz parte também do seu «complexo de comicidade», moldada por desbordante fantasia.

E o curioso é que Bob Hope criou escola, e que Red Skelton — hoje tornado vedeta — descendo em linha recta da imagem e do sistema que ele concebeu e criou.

* * *

Madeline Carroll foi uma artista que nunca me entusiasmou. Bonita, correcta, elegante — tem aquele ar, deslumbrante e frio, das loiras

«miss» do seu país. Mas, através das interpretações que nos deu, nunca pressentimos aquele fogo interior, a vibração íntima, que eleva a interpretação a um plano mais dinâmico e «comunicativo».

Em «Minha Loira Favorita» — palavras que não posso fazer minhas, pois não esqueci outras loiras do cinema, pelas quais se batem as minhas preferências — na fita de Bob Hope, dizia, Madeleine é ainda aquela mulher «pálida, loira, muito loira — e fria», de que nos fala o poeta.

E quando evoco a sua imagem radiosa, na «gare» de Cabo Ruivo, naquela tarde de Junho em que a Itália decidiu a participação efectiva na guerra; quando recordo a sua graça, a sua gentileza, o encanto da sua beleza e da sua feminilidade; quando me lembro da sua despretenção, da sua simpatia irradiante — vejo, então, com a tela enganosa, e como é mentirosa essa publicidade tendente a fazer crer que as vedetas surgem sempre favorecidas pela câmara de filmar, e que aquelas que nos deslumbram são, na vida real, figurinhas banais, que passam despercebidas, e só trazem desilusões...

E fico à espera de que o cinema nos dê um filme onde Madeline Carroll não seja atraída, para que «a minha loira favorita» da vida real possa ser «a minha loira favorita» da tela...



**CINEMA**
DE
AMADOR
8 — 9,5 — 16 m/m
Sempre nos únicos
especialistas
PATHÉ-BABY
PORTUGAL, L.ª
LISBOA PORTO
R. S. Nicolau, 22 ♦ R. St.ª Catarina, 315

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE JÚLIO CÉSAR MACHADO

TUDO entre nós participa um pouco da mágica.

O imprevisito anda em eterna brincadeira.

É o acaso que preside a tudo sob o manto de Sua Majestade, a Surpresa.

Anda, por exemplo, a população inteira a clamar que não tem que comer...

Que é uma calamidade...

Que é um horror...

Que é o cúmulo da catástrofe...

Chega a recear-se que a exaltação dos ânimos conduza ao desvario...

Mas os teatros estão cheios!

Os cinemas também!

O público diverte-se!

E vai daí?

É tudo mágica!...

Há coisas inevitáveis, que sucedem por artes de berliques, e terminam, quando menos se espera, por artes de berloques!

Como nas mágicas!

A mágica é, em Portugal, uma espécie de carapuça.

Cada qual a enfia e desenfia.

Tudo é obra do demónio.

Mas ai do povo se lhe tirassem as mágicas.

As que ele vê...

As que ele sonha...

As que ele inventa...

E até as que o levam do diabo...

Vivam as mágicas!

SOUSA MARTINS

O grande médico Sousa Martins (de quem se celebrou agora o centenário do seu nascimento) estava tratando do rei D. Luís quando morreu o irmão deste — que era, como sabem, o infante D. Augusto. Logo Sousa Martins recebeu estes versos — atribuídos ao seu colega dr. Alfredo Luís Lopes:

Se a Luís tu receiptaste
E morreu o mano Augusto,
Eu acredito, sem custo,
Qu'as drogas que formulaste,
O infante as tomaria
P'ra salvar a monarquia».

O ESPANHOL E O CARANGUEJO

CERTO espanhol estava o verão passado no Estoril, a passar as férias. Uma manhã, estendido sobre a areia, tomava o seu banho de sol quando foi mordido por um caranguejo. Levantou-se dum pulo nuestro hermano, perseguiu o bicho e, como este se tivesse escondido num rochedo, exclamou desafiando o crustáceo:

— *Cavallero de piernas tuertas, si es un hombre salga al campo — que un hombre se encuentra aquí!*

SONHO DE POMPEIA

URBANO Rodrigues está escrevendo um livro de nove-

ODE SEM ÓDIO A ANTONÍO PEDRO



Senhor
Alcaide-mor
Dos castelos da Fantasia,
Das rimas ariscas,
De guizoç na alma,
E calças às riscas!

Lá,
Como cá,
Trá lá rá!

E a capa
Que tapa
Não escapa
Se rapa
A sucapa
De pápa...

António,
Que és Pedro,
Lirico rouxinol,
Aqui fica esta ode
À tua maneira,
Metida num fole,
Com a lua,
Que é tua,
Vestida de sol!

ias, *Sonho de Pompeia*. Todas as suas horas disponíveis são para o seu Sonho. Eis um modelo de fidelidade literária!

CARNET - MONDAIN

HOUVE quem visse, há dias, no Coliseu, assistindo ao espectáculo de circo, o dr. João Gaspar Simões. Já se diz que o seu novo romance se chama — *Circo Vicioso*.

CHARUTOS

JOSÉ Ricardo ensaiava, no Teatro da Trindade, «Os 28 dias de Clarinha». Como estivesse presente o cenógrafo Eduardo Reis, pai, José Ricardo perguntou-lhe que tal achava a peça. Logo Eduardo Reis:

— De cara, muito melhor do que tu!

TEATRO

RENÉ Rocher, director do Odéon, de Paris, afirmava recentemente que o teatro nunca foi tão popular em França, como hoje. «O público, porém — diz ele — embora apreciando obras alegres, exige a comédia leve, fina e espirituosa».

Tal e qual como cá!

«O JUIZ DA ÁGUA

ACABO de fechar um curioso volume em que se descrevem alguns costumes regionais de Vila Nova do Ceira, pitoresco recanto da comarca de Arganil. Assina o volume (que se intitula *O Juiz da Água*), um novo escritor: Barata Dias. O livro merece leitura: E, desde já, ficamos à espera da sua nova obra — *O Juiz do Vinho*.

RESPOSTA PRONTA

PARA desarmar uma objecção, nada melhor do que uma resposta pronta.

Certo prégador explicava, um dia, a vida de São Félix. «São Félix — dizia ele — era tão milagroso e gozava tanto dos favores do céu, que, quando o carrasco lhe cortou a cabeça, logo o santo se abaixou, apanhou-a e, depois de a beijar, pô-la outra vez em cima do pescoço».

— E com que boca a beijou ele? — perguntou um dos ouvintes.

Logo o prégador, sem uma hesitação:

— Com a boca... do estômago!

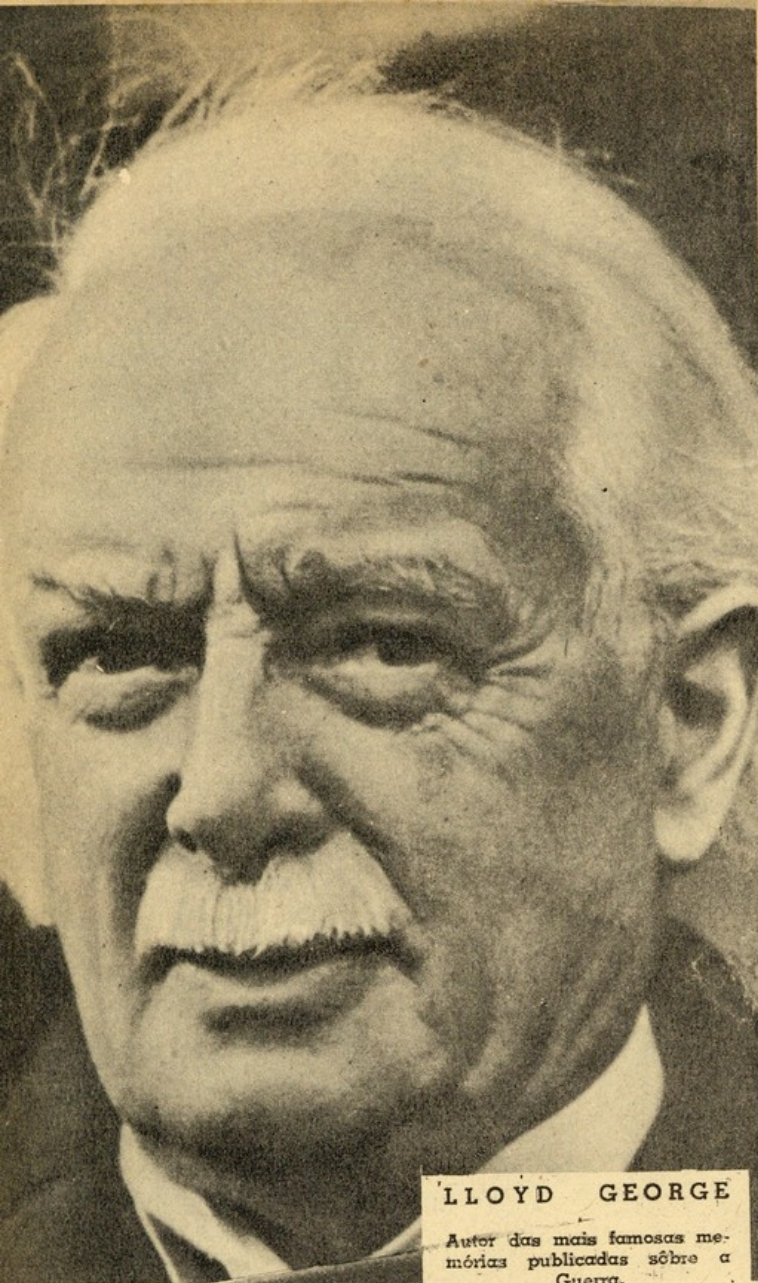
ASSOCIAÇÕES

AGlomeração de passageiros na plataforma dos eléctricos está provocando uma longa série de quedas. Segundo nos informam, os caídos vão fundar uma Associação: a *Associação Recreativa dos Inaquentáveis Alfacinhas!*

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

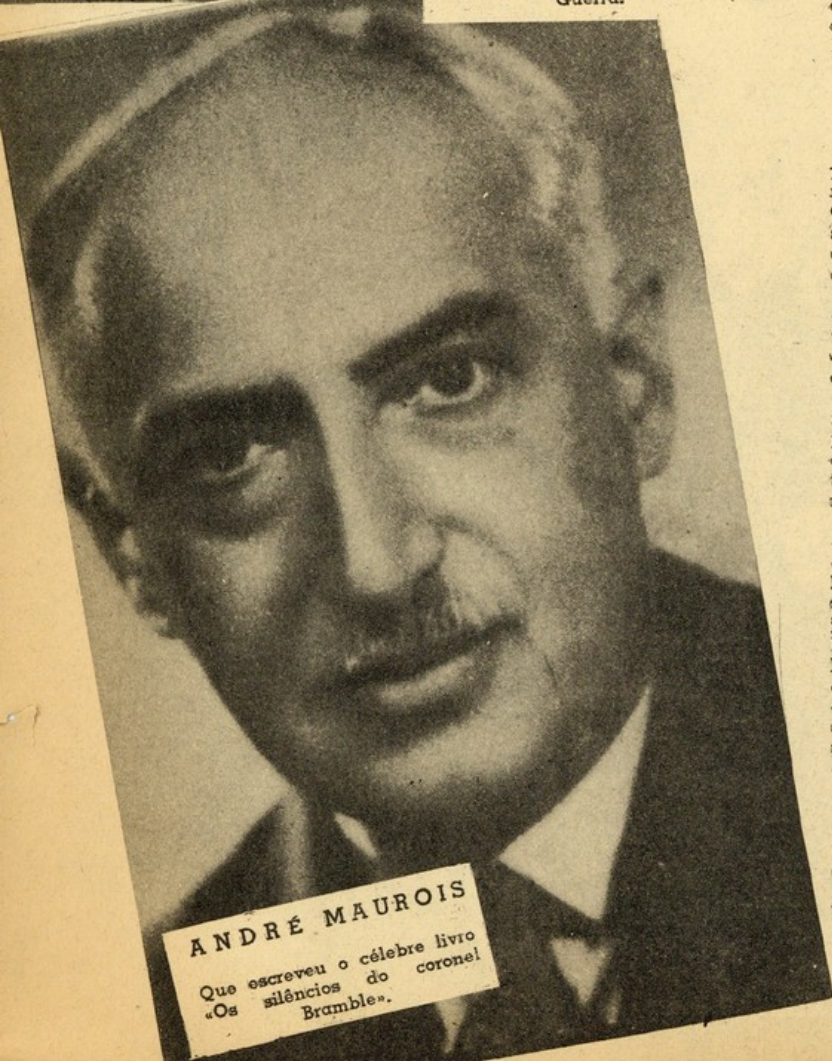


A Rainha Isabel de Inglaterra falou há dias às mulheres do seu país. Nesse notável discurso, afirmava: «Também vós, nestes anos de trágica e glória, de crucial tristeza e realizações maravilhosas, ganhastes a gratidão e a admiração de toda a Humanidade. Estou certa de que os homens — que, neste momento, desempenham a parte que lhes cabe na tarefa bem árdua de ganhar a guerra — concordam em que grande parte do seu êxito a vós se deve. Vós suportastes as bombas do inimigo. Vós auxiliastes a extinguir os incêndios por ele ateados nos nossos lares. Vós tratastes daqueles que ele mutilara, destes força-à-queleles que ele despojou. Cultivastes a nossa terra e, com uniforme ou sem ele, auxiliastes as nossas forças combatentes, levando-lhes o auxílio de munições, sem as quais elas seriam impotentes. Em centenas de locais preenchestes o lugar de homens que foram para o combate. E, arcando, ao mesmo tempo sem um lamento, com todas as dificuldades de tempo de guerra, vós, as donas de casa, com empregos que vos tomavam, total ou parcialmente, o tempo, conservastes os lares para esse dia abençoado em que eles regressem». Nesta foto, a primeira dama de Inglaterra, grande figura de mulher e de rainha que o mundo inteiro admira, conversa com um sargento da aviação americana que está hospitalizado por haver sofrido vários ferimentos no decurso de um «raid» aéreo contra a Alemanha.



LLOYD GEORGE

Autor das mais famosas memórias publicadas sobre a Guerra.



ANDRÉ MAUROIS

Que escreveu o célebre livro «Os silêncios do coronel Bramble».

* NADA DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL! *

E OUTROS LIVROS DA GUERRA

Uma Crônica de SILVA BASTOS

UM grande estadista, logo no princípio desta conflagração, acusou publicamente a literatura de ter sido, em grande parte, a causadora da guerra. Referia-se, evidentemente, à literatura que depois de 1918, exaltando sentimentos patrióticos e fabricando heróis, despertou desejos bélicos que bem podiam ter ficado adormecidos: concepções racionais e políticas que inevitavelmente se haviam de chocar outra vez.

Dizia ainda este estadista que depois desta Guerra os caminhos da literatura tinham de ser mais universalistas.

Parece-me que enquanto o Mundo fôr Mundo não pode ser assim. O Homem não se considera um ser puramente universal. Primeiro que tudo pertence a si próprio e depois ao seu ambiente, à sua Pátria.

Nenhuma concepção, se pode opôr à experiência individual do homem que escreve. O romance é quasi sempre uma experiência. O escritor que foi à Guerra e viveu a guerra, há-de sempre descrever o que viu com os olhos postos em si próprio.

As palavras daquele estadista não precisam do fim deste conflito para serem desmentidas. Ainda estamos onde estamos e já os romances e os documentários, em avalanches, invadem o Mundo, exaltando o mesmo espírito de sacrifício e as mesmas idéias de 1918.

JORNAL DUM HOMEM DE 40 ANOS

1918. Armistício. O Mundo respira mais fundo, enche os pulmões de ar puro. O pesadelo da Guerra desaparece mas uma curiosidade mórbida de conhecer «o que se tinha passado» faz surgir os livros da Guerra.

Romances, Memórias, Reportagens, Livros Técnicos, Documentários terrivelmente massudos, tudo se publica em sucessivas edições.

Enquanto nos horizontes políticos novos conflitos já ameaçavam a paz estabelecida em Versalhes os ex-combatentes da frente Ocidental não perdiam as esperanças num Mundo melhor para todos.

Um deles, Jean Guéhenno, no seu «Journal d'un homme de 40 ans» escreve que desde que existem os homens e desde que eles se batem, nós somos certamente os que já viram correr mais sangue. O livro é de esperança e de desalento. A certa altura uma dúvida atormenta o espírito do antigo combatente e diz, então: depois de nós talvez haja quem nos supere; mas por enquanto o recorde é nosso.

ERICH MARIA REMARQUE

O grande livro da Guerra só apareceu em 1928: NADA DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL, de Erich Maria Remarque.

O «Mein Kampf» em exposição na montra duma livraria em Berlim

Pode dizer-se que este escritor foi um produto das trincheiras. Combatu de 1916 a 1918 e foi ferido diversas vezes. Assistiu, como soldado, à hecatombe do exército alemão na frente do Marne. Assinada a paz, Remarque fêz-se contabilista e chefe de publicidade dum estabelecimento comercial de Berlim.

Mas em 1928 resolve romancear a sua vida de luta e surge-nos com esse espantoso livro que deu a volta ao Mundo traduzido em todas as línguas. O Cinema apoderou-se também dessa obra e Remarque troca as negras idéias e as somas bem feitinhas pela nobilíssima profissão de escritor.

Surge, então «Depois» — o drama da sua Pátria devastada, a procurar em si própria os elementos de reconstrução. Logo a seguir publica «Os três camaradas» — que é afinal a sua própria história — e a trilogia imortal dos seus romances fica completa.

OUTROS ROMANCISTAS

O primeiro romance da Grande Guerra é, no entanto francês. Escreveu-o Romain Rolland e intitulou-se: «Jean Christophe». É o livro da antecipação da Guerra, vista

através das conseqüências económicas, sociais e políticas.

Mas o romance mais vivo e mais humano havia de ser escrito por Hans Falla, com este título: «E agora meu rapaz?...». As lutas internas que dominam a Alemanha, depois de 1918, sem excluir os primeiros passos do nazismo, estão admiravelmente retratadas neste livro.

André Maurois, com «Os silêncios do Coronel Bramble» havia também de obter um grande êxito, mas o romance de maior popularidade em França pertenceu sem dúvida, a Rolland Dorgèles: «Cruzes de Madeira».

Os militares e os políticos também publicaram livros sobre a Guerra e são esses os melhores documentários para o historiador imparcial.

Lloyd George, publicou em três volumes as suas «Memórias da Guerra», o General Pershing escreveu «A minha correspondência secreta com Guilherme II» e a «Guerra Mundial e catástrofe».

Antes desta Guerra deflagar já uma literatura especial, feita sobre ela, invadia o Mundo.

«Fazce a l'ennemi», de autor desconhecido, com um prefácio do General Weigand é o título geral de dois romances célebres: «A Guerra subterrânea» e «Esquadrão Cíclope».

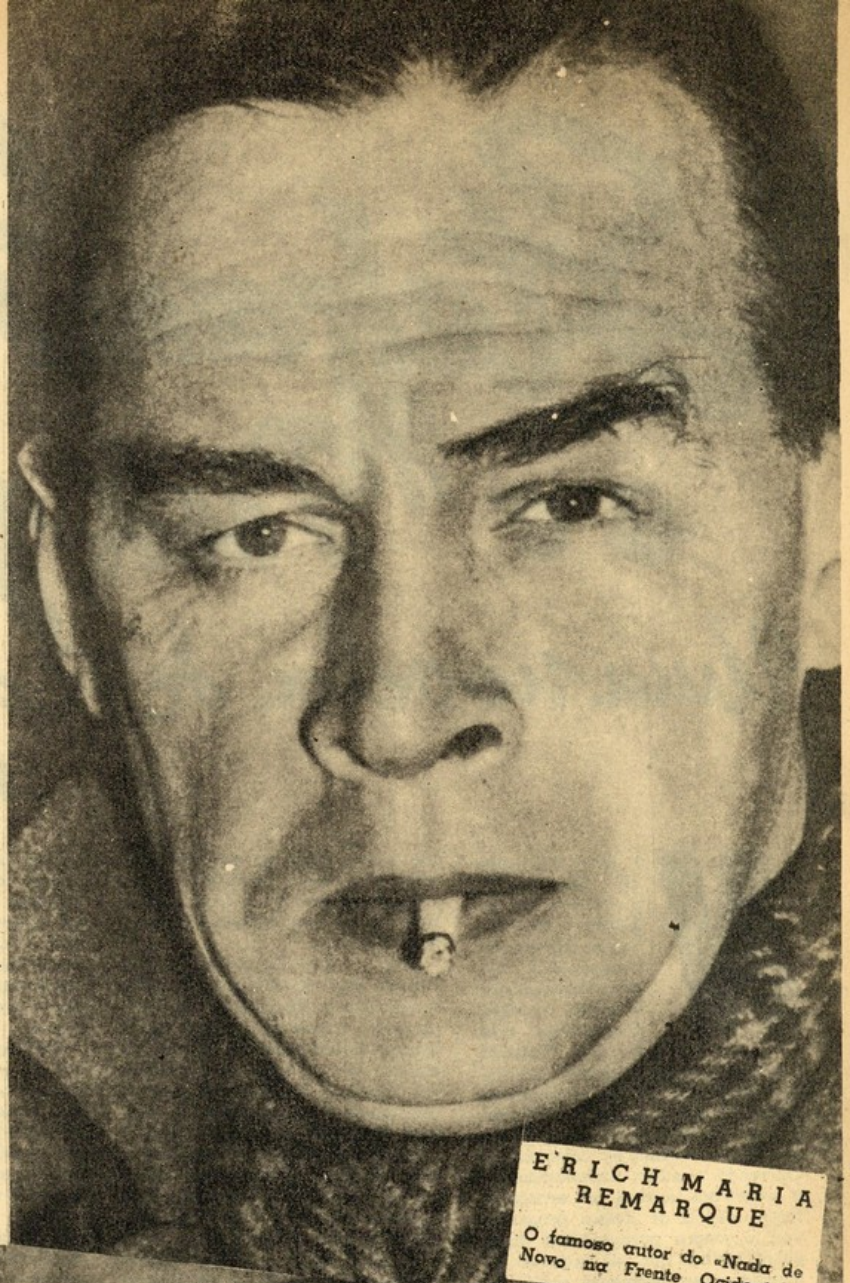
«A Minha Luta» de Adolfo Hitler pode e deve mesmo ser considerado um livro de Guerra — pelas idéias revolucionárias de que faz alarde pelo seu valor de propaganda, como evangelho duma idéia.

Livros de Guerra: documentos humanos, atestados horríveis desta ânsia de destruição em que vivemos.

Quando voltar a Paz e nos campos devastados o trigo crescer e amadurecer outra vez, como dentes, os Homens hão-de criar mais problemas e hão-de escrever outros livros pamphletários.

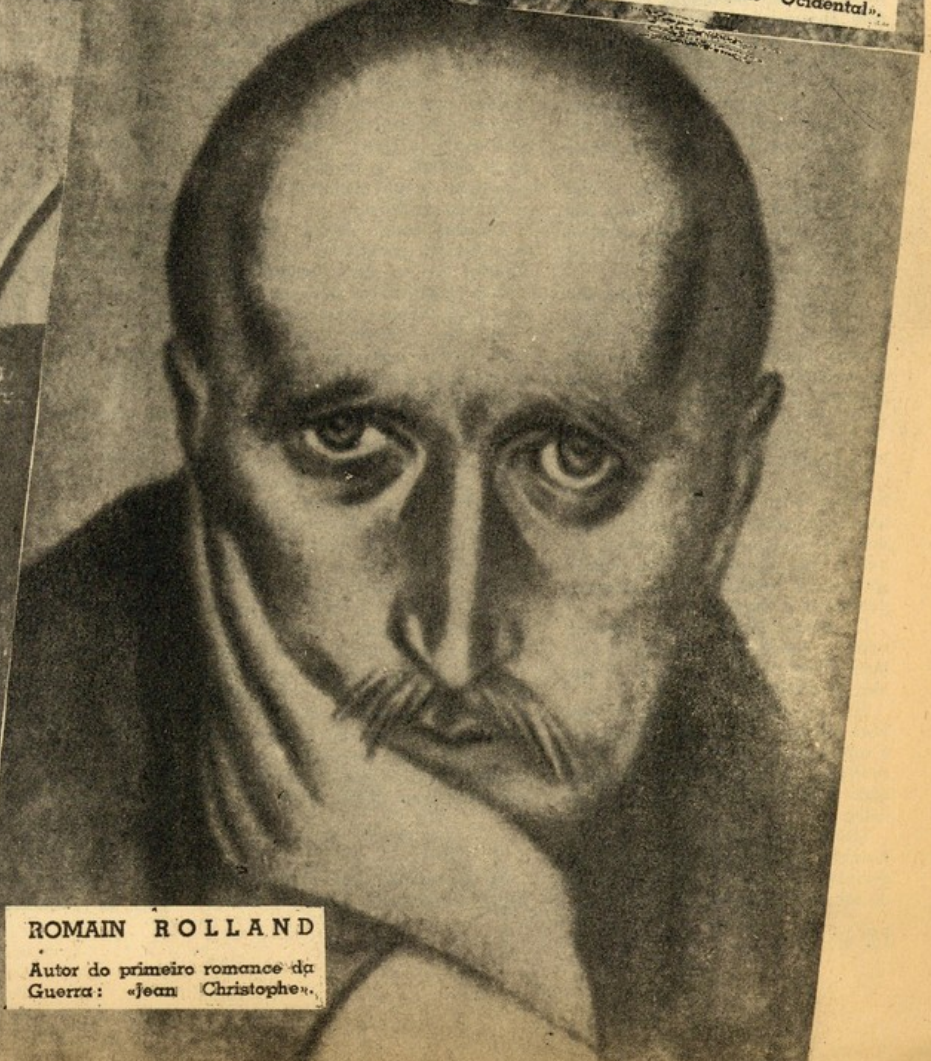
A Paz obtida com a ponta da espada é um simples intervalo, uma trégua que pode demorar mais ou menos tempo.

O Homem não quer atingir aquela tranquilidade a que tem direito desde o princípio do Mundo porque teima em seguir os caminhos contrários aos da sua razão de existir. Com as suas qualidades de acção e de inteligência criou os defeitos da civilização em que vive. E como disse Vauvenargues «a paz torna mais felizes os Povos e mais fracos os Homens».



ERICH MARIA REMARQUE

O famoso autor do «Nada de Novo na Frente Ocidental».



ROMAIN ROLLAND

Autor do primeiro romance da Guerra: «Jean Christophe».

Stefan Zweig

e o "Pick-pocket"

Uma novela de Rafael Gaspar

NO livro intitulado «O Médico», da autoria de S. Zweig, há um conto: «Revelação inesperada de uma profissão», em que o escritor descreve minudamente, com a sua habitual maestria, a funda impressão que lhe produziram no espírito observador, as demoradas e angustiosas manobras de um triste ratoneiro em busca de carteira recheada em bolso alheio. Operando a médio, cautelosamente, o carteirista apenas se arrisca a furtar, depois de longos preparativos, o magro porta-moedas duma pobre mulher que, de regresso do mercado das hortaliças, onde se fora abastecer, se distraira um momento com a filhita inocente, a ver as cabriolas e caretas duns macacos que certo lojista instalara no interior da montra do estabelecimento, a fim de chamar a atenção do público para os seus artigos de pouca venda.

A receita do mesquinho porta-moedas fóra tão insignificante, que não permitia, ao vagabundo, almoçar mais forte do que um naco de pão e um copo de leite.

Admirando, porque nem todos são para tudo, o «trabalho» do «pick-pocket», a quem ele chama artista, Zweig, que seguira o ratoneiro até ao modesto café, não se sentiu com coragem (e só coragem lhe faltava, e não dinheiro) para dirigir a palavra ao desgraçado e oferecer-lhe mais alguma coisa de comer.

Quando o homem do sobretudo amarelo — o ratoneiro enveragava um cogado sobretudo amarelo — safu do café, Zweig, que não desistia de ver o fim da porfia dum «pick-pocket» à procura duma carteira, continuou a segui-lo.

O pobre diabo, após algumas voltas e hesitações, penetrou no Palácio Druot, conhecida casa de leilões de Paris.

Ali, o carteirista prosseguiu nas suas lentas e prudentes manobras, à espera do momento oportuno para subtrair a carteira do bolso de qualquer casaco abastado presente no leilão.

Stefan observava-o sempre com ardente curiosidade, perfeitamente decidido a sacar do misero homem do sobretudo amarelo um belo conto,

que valeria mais do que uma jóia cara; e a custo dominava a sua impaciência por ver o final daquele trabalho, ou seja: o furto duma carteira recheada.

Mas o que ele freneticamente ansiava por ver acontecer a oturém sucedeu-lhe a ele próprio. O «pick-pocket», depois de muitas idas e vindas, decidiu intimamente, ao que parece, que no meio da assistência era Zweig o homem mais rico, ou pelo menos o menos esperto. E dizemos o menos esperto, porque o escritor afiança que os carteiristas são psicólogos natos e que sabem escolher com tato infalível, na multidão, as pessoas que mais ingenuamente se deixam roubar.

Tendo, pois, escolhido Stefan Zweig, que para ele, «pick-pocket», era apenas um bípede como qualquer outro, apenas com a diferença de ter cara de ingénua (na psicologia do ratoneiro), e ar de quem possui uma carteira plétórica de dinheiro, o homem do sobretudo amarelo tentou o golpe. Mas quando ia para surripiar a carteira, sentiu-se agarrado, com instintiva firmeza, pela mão de Zweig.

Ficaram assim alguns instantes, o carteirista petrificado de medo, e Zweig, que o tinha seguro pelo pulso, perplexo em meio de desencontradas idéias e sentimentos.

Por fim, sentindo livre o pulso que Zweig, apiedado, lhe soltára, o carteirista pôs termo à muda cena, esqueirando-se sem demora.

Só então Zweig pôde dominar o seu enleio e tomar uma resolução: sente pena do misero e corre à porta para o chamar e dar-lhe algum dinheiro da carteira que não conseguira roubar. Mas o homem do sobretudo amarelo tinha desaparecido e Zweig ficou-se com as pitorescas e dramáticas impressões daqueles sucessos e o ratoneiro foi-se sem vintém, como anteriormente, visto que não vingára surripiar nada de jeito. Zweig, que por duas vezes pensara em socorrê-lo, não pôde dar-lhe coisa alguma que lhe servisse de lenitivo na miséria, embora mais tarde, no conto, o mimo-seasse com o epíteto de «artista» — por sinal, bem fraco «artista»!

* * *

Se Zweig houvesse continuado a seguir o ratoneiro, teria, no entan-

to, sabido o que mais adiante se passou com o homem do sobretudo amarelo. E esses sucessos foram de tal natureza que decerto despertariam apaixonadamente a sua atenção e lhe dariam matéria para uma interessantíssima adenda ao conto que escreveu a respeito do pobre diabo.

Infelizmente, o brilhante escritor não chegou a conhecer o resto da história do «pick-pocket»; e, por isso, ficámos privados da impressiva narração que da mesma nos poderia dar — melhor do que eu o vou fazer — a sua pena sedutora.

Coube-me a mim, por mero acaso, a missão de contar o final daquela história que vou narrar exactamente como me foi transmitida pelo seu acidental protagonista — um amigo meu que possuía uma fábrica de certo vulto, em uma cidade não muito distante de Paris.

Esse meu amigo, que designarei por Nxxx, para respeitar um anonimato que ele modestamente aprecia e deseja guardar, disse-me que havia lido o conto de Zweig, muito tempo depois de ocorridos os sucessos que, nele se apresentam, e que fóra casualmente testemunha da cena final no Palácio Druot.

— Do que se passou seguidamente com o homem do sobretudo amarelo, só ele e eu tivemos conhecimento e Zweig não o soube — disse-me Nxxx, sentando-se numa cadeira próximo da minha.

— Se o meu amigo tem interesse em conhecer o resto daquela aventura, posso contar-lha.

Acedi do melhor agrado a ouvi-lo, e eis o que Nxxx me contou:

* * *

— Reconheci Stefan Zweig, cuja arte cheia de reverberos de sensibilidade e compreensão muito admirei; e, enquanto o escritor, na sala de leilões do Palácio Druot, observava o «pick-pocket», eu observava-o a ele. Não me escapou a muda e emocionante cena da tentativa de furto da carteira, nem os instantes de indecisão de Zweig. A situação ali, sendo diferente para mim, não me prendeu os movimentos e, logo que o carteirista desastrado, liberto da mão complacente de Zweig, lesta-mente se safou, corri no seu encalço. Já no fundo da escada, que costumava ser onde ocorrem a certas pessoas as melhores idéias, agarrei

bruscamente o homem do sobretudo amarelo pelo braço e disse-lhe com a maior naturalidade:

— Venha almoçar comigo.

O «pick-pocket» teve um movimento de terror e de surpresa, mas eu tranqüilizei-o.

— Nada tema, e acompanhe-me.

Como o homem hesitasse ainda, tentando ler no meu rosto a intenção do imprevisito e estranho convite, pôsto que não me conhecia, impuz-me, levando a mão ao lugar onde algumas pessoas costumam usar a pistola:

— Não tente recusar nem fugir.

Ao primeiro movimento que faça para me desobedecer, chamo um polícia e você irá para a cadeia... Vi tudo o que se passou agora na sala do leilão.

O homem, que se pusera ainda mais lívido do que o deixára a cena passada com Zweig, curvou a cabeça e balbuciou:

— Tenha dó me mim. Acredite que não tentei roubar por gosto... Foi a minha desgraça que me empurrou... Farei o que me ordenar.

Puxei ligeiramente, tirei um cigarro, dei outro ao desvastrado e exclamei, oferecendo-lhe lume:

— Bem, acenda o seu cigarro. Vamos.

O homem do sobretudo amarelo olhou-me espantado, acendeu o cigarro no isqueiro que eu lhe apresentava e, depois de um agradecimento humilde, cada vez mais intrigado com o que lhe sucedia, pôs-se a caminho silenciosamente a meu lado.

— Como se chama? — perguntei ao fim de algum tempo de marcha.

O pobre diabo estremeceu, mas a minha atitude imperiosa, decidiu-o:

— Jean Le Fichu...

Olhei-o com estranheza e observei:

— Le Fichu não é apelido de gente... Mas, enfim, isto não significa que não exista muita gente *fichue*...

Aproximávamo-nos de uma escadaria de polícia.

Suspeitando da minha magnanimidade, Jean deteve-se um instante e interrogou-me, suplicante:

— O senhor não vai entregar-me? — e relanceava os olhos, atemorizado, para o pôsto.

— Não, se me obedecer! — respondi. — Sou um homem de palavra.

Voltámos uma esquina e segui-mos por outra rua. De repente, inquiri do meu companheiro:

— Diga-me cá, porque se não dedica a um trabalho que não esteja fóra da lei e se obstina em roubar ou tentar roubar carteiras?

— Eu não me obstino em roubar carteiras, senhor — desculpou-se o meu interlocutor. Preciso de as roubar, porque não sei nem posso fazer outra coisa...

— Essa agora, meu amigo! Lá que não saiba, acredito, pois sucede o mesmo a muita gente boa, visto que ninguém se deu ao trabalho de lho ensinar... Mas que não possa!

O vagabundo parou e insistiu, quasi a chorar:

— Acredite, senhor, não posso. Não tenho forças para trabalhos pesados, que não exigem especialização; e não tenho meios nem tempo, para me especializar nos que me seria possível exercer...

Não repliquei e continuámos o nosso caminho.

Ao fim de algum tempo, o meu companheiro disse timidamente:

— Desculpe, senhor; mas peço-lhe que me diga aonde vamos.

— Ali — respondi, indicando-lhe com o dedo uma casa de adelo que se via próximo. — Venha e não tente reagir nem discutir.

Entrámos no estabelecimento que lhe havia apontado, conversei à parte, uns momentos, com o dono da casa, e a meu convite, Jean escolheu um fato, um sobretudo, um par de sapatos e um chapéu, tudo novo, mas de modesto preço.

Mandei embrulhar aquêles objectos e paguei os 800 francos que o lojista me exigiu, depois de me haver amavelmente demonstrado que ninguém venderia tão barato e que não metera nem um «sou» a mais na conta — sem que eu sáisse, aliás, muito convencido pela sua dialéctica.

— Agora, amigo Jean — disse eu ao homem do sobretudo amarelo, que carregava com os embrulhos e não cessava de me olhar cada vez mais surpreso — vamos ali àquela camisaria.

Adquiridos uns pares de peugas, camisas, gravatas, etc., paguei os 100 francos que tudo aquilo custára,

e saímos, trazendo Jean Le Fichu mais aquêl embrulho, pois não quis que eu o ajudasse.

O meu companheiro seguia-me tão dócilmente como um borrego a que se oferecesse uma mão cheia de milho.

Entrámos seguidamente num estabelecimento de banhos, — após uma pequena explicação preliminar da minha parte — onde Jean se lavou conscienciosamente e se vestiu, de acôrdo com as minhas instruções, com as novas roupas que se tinham comprado, havia pouco.

Quando abandonámos o estabelecimento de banhos, onde ficaram, no caixote do lixo, os andrajões que o rapaz anteriormente usava. Jean Le Fichu parecia outro homem. A sua juventude macerada e apagada pela miséria, com todos os desconfortos e faltas de higiene que nas grandes cidades lhe são inerentes brilhava novamente, como sol que se liberta de pesado e escuro manto de névens, graças à mudança de indumentária e ao estímulo do banho purificador.

Já nos encontrávamos outra vez na rua e Jean murmurou:

— Não compreendo porque se mostra tão bondoso para mim, senhor. Mas, seja pelo que for, estou muito agradecido por tudo...

— Não tente compreender — retorquiu. — Cale-se e acompanhe-me.

O meu companheiro baixou mais uma vez a cabeça, amedrontado, e seguiu-me em silêncio.

— Vamos agora ao barbeiro — disse-lhe eu daí a pouco, parando diante de uma barbearia. Enquanto eu corto o cabelo e faço a barba, você fará outro tanto.

Dei-lhe dinheiro suficiente, e entramos na barbearia.

Quando dali saímos, Jean Le Fichu muito bem penteado pelo mestre «coiffeur, barbeado e perfumado, estava um verdadeiro «dandy», graças aos seus 28 anos e à flexibilidade toda parisiense da sua figura. O vagabundo desaparecera, e Jean não era agora menos distinto do que outro qualquer mancebo de boa aparência que encontrávamos nas ruas.

— Você deve ter vontade de almoçar? — inquiri.

— Sem dúvida, senhor. Comi bem

pouco hoje, e ontem ainda tinha comido menos do que hoje!

Fiz um aceno de compreensão com a cabeça, e passados instantes abandonámos à mesa duma «Crasserie», onde o ex-homem do sobretudo amarelo, e quasi actual janota, comeu e bebeu até se saciar.

Parece-me inútil descrever a ansia com que Jean Le Fichu se atirou aos pratos succulentos e à cerveja daquele providencial repasto. Eu poderia agora fazer diversas comparações de seguro efeito, mas limito-me a dizer-lhe que o desditoso comia com o imaginável apetite de um sujeito de 28 anos, mal alimentado há muito tempo.

Paga a conta da colação, que se elevou a 25 francos, saímos.

Jean Le Fichu estava maravilhado com o que lhe acontecia. Adquiridas forças e sentindo-se um pouco mais à vontade junto de mim, exclamou:

— O senhor é o homem mais extraordinário que tenho visto... É um santol!

Parei bruscamente, e disse-lhe com intimativa:

— Deixe-se de histórias, e não me julgue parvo. Sabe quanto me deve?

Jean ficou atarantado, e olhou-me com assombro, como se me julgasse louco. Antes que êle abrisse a boca para falar, continuei:

— Faça a conta... Para o transformar na espécie de janota que tenho diante de mim, dispendi... Espere... 800... mais 100 francos... 5 do banho, 15 do barbeiro... não... o almôço pago eu... Perfaz tudo, 920 francos... É tudo quanto me deve até agora: 920 francos...

— Mas, senhor — obtemperou Jean, desanimado, — eu não tenho dinheiro para lhe pagar... Nunca lhe poderei pagar, a não ser...

Calou-se um momento, e concluiu:

— A não ser que eu consiga roubar uma carteira bem guarnecida!

Deitei-lhe violentamente a mão à gola do casaco, e rugi vagarosamente:

— Francisco I dizia que o dinheiro não tem cheiro... Mas não se trata de filosofar acerca das palavras de Francisco I... Trata-se apenas, ouça bem, de gravar na sua memória que eu não quero que você volte a roubar carteiras...

— Mas... — tartamudeou o pobre homem — doutra maneira nunca lhe poderei pagar os 920 francos!

— É o que lhe parece... — repliquei, largando-lhe a gola do casaco, movimento que lhe foi muito grato, pois soltou um suspiro de alívio e perdeu o ar de terror que súbitamente revestira.

— Um silêncio, perguntei-lhe:

— Diga-me, você importa-se de abandonar Paris, de ir viver para uma cidade da provincia, aliás pouco distante, onde ninguém o conhece e poderá entrar em vida nova?

E sem lhe dar tempo a responder, prossegui:

— Tenho uma fábrica na cidade de que lhe falo; preciso dum ajudante de motorista... Atenta a sua habilidade de mãos, e o domínio que tem — há-de ter por força, porque assim o exige a «profissão» de «pick-pockets» — sobre os seus nervos, você deve dar um excelente condutor de autos... Serve-lhe a oferta?

O rosto de Jean iluminára-se de júbilo, e o pobre rapaz apenas balbuciou:

— Tomára eu! Oh, aceitaria com o maior prazer a situação que me oferece...

— Perfeitamente — disse eu olhando para o meu relógio. São quatro horas e meia. As cinco da tarde parte um combóio para Belleville. Nada mais tenho a tratar por agora

em Paris. Quere você acompanhar-me? Começará a trabalhar depois de amanhã, no principio da semana...

— Nada me retém em Paris, senhor. Tomára eu ver-me longe desta cidade, onde tanto tenho sofrido...

Súbitamente, como tocado por uma ideia de realização impossível, Jean deteve-se e observou:

— Mas como posso eu tomar o serviço que me oferece, se não disponho de recursos para pagar a comida e o alojamento, enquanto não adquiro prática e não começo a ter ordenado?

— Não se preocupe com isso, — esclareci. Quando chegarmos a Belleville, emprestar-lhe-ei, ou antes abrir-lhe-ei crédito na importância de 1.080 francos, para fazer frente aos gastos da temporada de aprendizagem. Repare: 920 francos já dispendidos, com 1.080 que lhe adiantarei, somam, salvo êrro, 2.000 francos...

2.000 francos... Quando começar a ganhar, pagar-me-á êste débito, a 25 francos por mês... Convém-lhe?

— Meu pai não faria mais por mim, senhor! — respondeu simplesmente Jean, muito emocionado.

— Bem, não percamos tempo. O combóio vai partir.

Uma hora depois, eu e Jean Le Fichu, que daí por diante passou a chamar-se Jean Belleville, apelido que lhe valeu logo de entrada, atenta a coincidência, as simpatias da gente da terra, apeávamo-nos na pequena cidade onde eu tinha a fábrica.

* * *

O meu amigo Nxxx, interrompeu a narrativa, acendeu um cigarro, deu um pequeno passeio e voltando para junto de mim — eu pusera-me de pé, entretanto — concluiu:

— Escuso de dizer-lhe que cumpri tudo o que havia prometido ao antigo «pick-pockets». Falta acrescentar que êle por sua vez se portou como eu desejava, não só pagando-me integralmente o empréstimo que lhe concedi, mas dedicando-se com tanto entusiasmo à sua nova existência, que ao fim de dez meses se tornou não só bom motorista, mas o melhor montador-mecânico da minha fábrica.

— Acabou-se a história? — perguntei. — Deixe-me abraçá-lo...

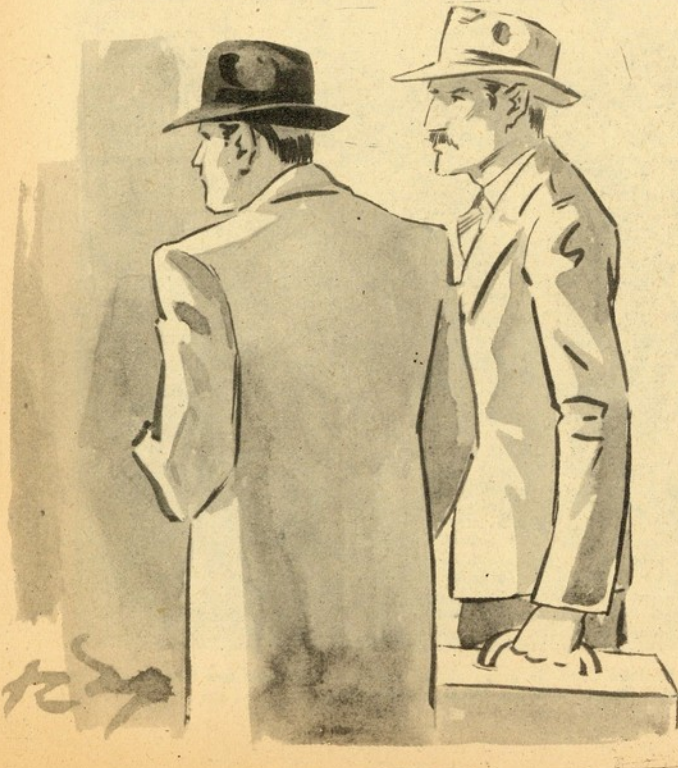
— Espere: ouça o resto. Jean Belleville, antigo Jean Le Fichu, casou mais tarde com uma graciosa rapariga da terra, tem um filho e é proprietário duma bonita casita com jardim, onde se julga um dos mais felizes mortais que o Sol cobre... Aqui tem como, mediante um insignificante empréstimo de dois mil francos, se consegue erguer um Lázaro e redimir um transviado! Não basta a piedade dita em palavras belas, Convém principalmente realizar os actos que tornem possível a ressurreição, pelo trabalho, no relativo bem-estar...

— É admirável, meu amigo! — observei. — Que pena que se não criem organismos capazes de levar à prática, em larga escala, aquilo que o meu amigo realizou individualmente!

Nxxx sorriu com certa melancolia, e disse:

— Agora que lhe contei o fim da história do «pick-pockets» de Stefan Zweig, passe o meu amigo muito bem, que eu vou à minha vida!

E, sem dar tempo a que eu lhe repetisse os encômios que desejava tributar-lhe, o meu amigo Nxxx desapareceu entre a multidão que enchia o «hall» do casino onde casualmente nos encontráramos e se verificou a conversa que deixo reproduzida.

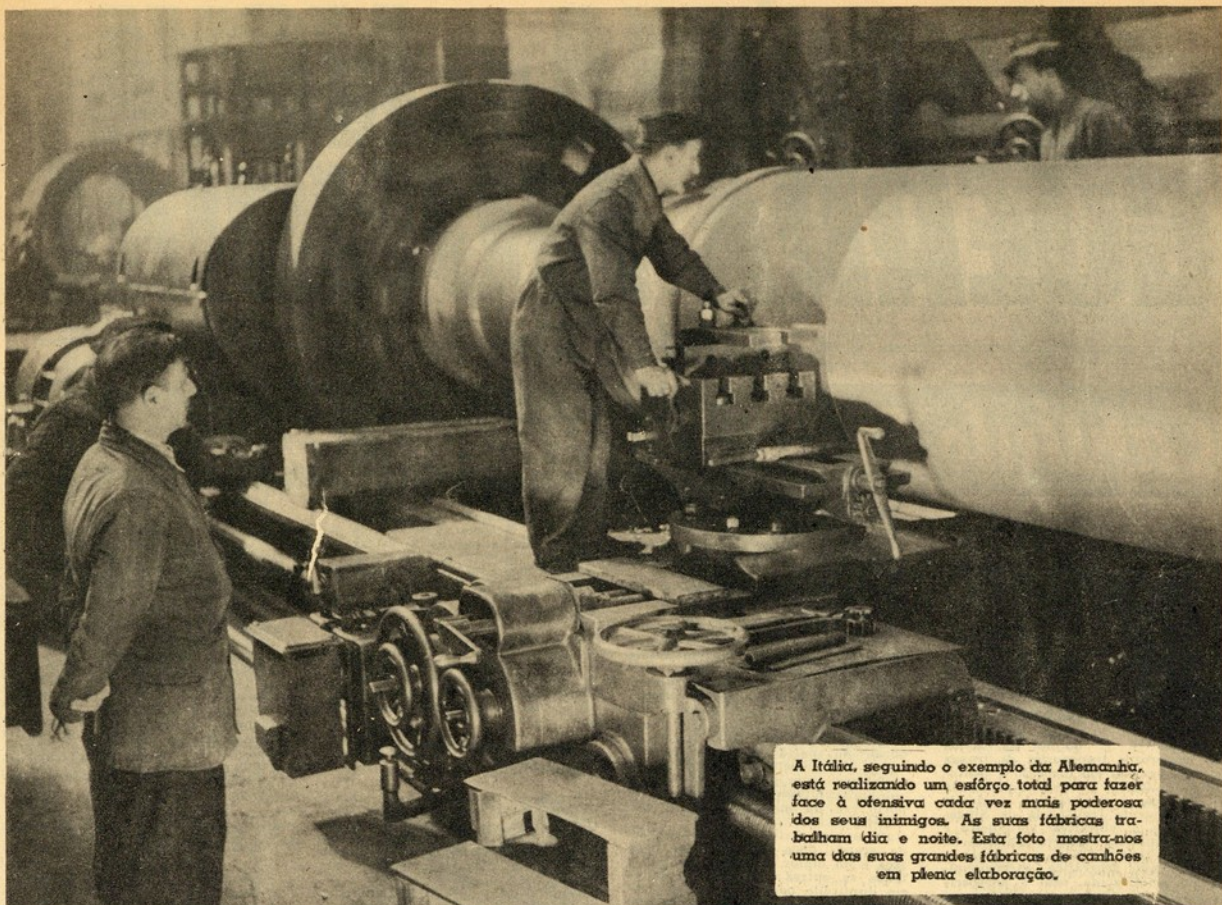




A Noruega, apesar de ocupada militarmente pelo inimigo, prossegue na sua luta sem mercê contra a Alemanha. Os seus navios mercantes e de guerra atravessam todos os mares. Na luta aérea os seus pilotos têm tido já uma acção notável. E na Inglaterra, onde o rei Haakon vive e um seu governo rege o esforço de guerra dos noruegueses, foi organizado um exército cuja acção poderá vir a ser decisiva na libertação da Noruega — no dia do possível ataque ao continente europeu.



O rei Haakon, ao centro, acompanhado da princesa Martha e do príncipe herdeiro Olav. No grupo alguns pilotos noruegueses que tiveram uma notável acção contra o inimigo durante um raid a Dieppe, pelo que foram condecorados.



A Itália, seguindo o exemplo da Alemanha, está realizando um esforço total para fazer face à ofensiva cada vez mais poderosa dos seus inimigos. As suas fábricas trabalham dia e noite. Esta foto mostra-nos uma das suas grandes fábricas de camhões em plena elaboração.



Na Tunísia, as tropas italianas procuram resistir o mais que podem contra a pressão violentíssima que lhes é feita pelos exércitos anglo-americanos. O cliché revela-nos uma das bases italianas do norte de África, com os aviões prestes a largar e os carros prontos a seguir rumo com novas tropas para o combate.

LUCE

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

7

NOS dias 7 e 8 de Dezembro, quando o Mundo ainda dava sinais de estupefacção perante as primeiras e imprevisíveis notcias do ataque japonês a Pearl Harbour, os aviões de reconhecimento britânicos assinalaram a presença, nos mares de sul da China, de numerosos transportes de tropas que navegavam em direcção à península de Malaca. De toda a península de Malaca, a sua capital, a cidade poderosamente fortificada de Singapura, era o objectivo verdadeiro e fundamental da ofensiva nipônica no Extremo Oriente. Não era apenas a sua posição geográfica, excepcionalmente privilegiada, nem a prosperidade da sua situação económica que faziam dela uma presa justamente cobiçada. Singapura era uma das mais importantes, possivelmente mesmo a mais importante base aérea naval do mundo.

A Gran-Bretanha decidira-se a fortificá-la quando, depois da última guerra, os dirigentes da sua política extrema resolveram deixar cair a aliança tradicional com o Japão em holocausto a uma tendência pronunciada de aproximação com os Estados Unidos. Essa viagem da vida inglesa constitui um dos capítulos essenciais da história do após guerra. A série de conferências, para regular o problema dos armamentos navais, que se realizou depois da celebração do tratado de Versalhes deixou profundamente desiludidas duas das grandes potências que tinham associado os seus esforços à causa dos Aliados: a França, na Europa, o Japão, no Extremo Oriente. A Gran-Bretanha fizera, nos dois casos, pender a balança a favor da América, e, em caso dos Estados Unidos, no outro, e esse facto tivera repercussões imediatas e significativas na attitude que os governos de Paris e de Tóquio tomaram na vida internacional. A Gran-Bretanha orientou-se, decididamente, no sentido da amizade americana e por essa razão teve de contar, desde esse momento, com a rivalidade nipônica e com a ameaça japonesa em relação às suas posições avançadas do Extremo Oriente. A mais valiosa dessas posições era precisamente a cidade de Singapura. De si a necessidade reconhecida em Londres de acautelar a sua defesa.

A BASE NAVAL

A base naval de Singapura cobria uma extensão de mais de cinqüenta quilómetros quadrados. Os elementos fundamentais desta gigantesca obra de engenharia naval eram as docas, duas enormes docas flutuantes e uma doca seca não menos imponente. O comprimento da maior doca flutuante era de duzentos e setenta metros e a sua largura de sessenta metros. A sua construção fez-se em Inglaterra e a doca foi rebocada para o local onde devia ficar instalada. O transporte, facto curioso, foi auxiliado por um grupo de rebocadores holandeses cujas tripulações se haviam especializado em trabalhos desta natureza e a colocação exigiu a colaboração constante de alguns dos mais famosos

peritos britânicos na arte de construir navios. O transporte, feito ao longo de um percurso de mais de dez mil quilómetros, levou alguns meses.

A doca seca, cuja construção levou seis anos, tinha trezentos metros de comprimento.

Trezentos e cinqüenta mil metros cúbicos de cimento, tal foi a quantidade impressionante de materiais consumidos na sua construção. Duzentos e oitenta mil metros cúbicos de água tal era o volume de líquido que comportava. Estes números dão lúcia da grandeza da tarefa que a sua construção representou. O resto das obras do porto correspondia, em tudo, à imponente das docas. Os guindastes eram poderosos e a utilização empregada nos serviços do porto era da mais moderna e eficiente.

Pormenor curioso: com excepção da grande doca flutuante, da doca seca e do maior guindaste do porto, todas as outras obras foram feitas em duplicado para evitar os prejuízos resultantes de ataques aéreos que era necessário prever. Assim, em caso de guerra, não seria necessário proceder a demorados e difíceis trabalhos de reparação. A distancia a que a posição fortificada de Singapura se encontrava da metrópole britânica aconselhava esta elementar medida de precaução, na previsão de um conflito armado que não podia deixar de se dar com o Império do Mikado. Vencidos como os acontecimentos desmentiram os projectos baseados sobre a eficacia dessas medidas preventivas.

AS OBRAS MILITARES

Singapura não era apenas uma das maiores e mais bem apetrechadas bases navais de todo o Mundo. Era simultaneamente uma base aérea dotada de magníficas condições. Compreendia três aeródromos militares e um aeropórtio civil. Ali podiam aterrar aparelhos de qualquer categoria, tanto militares como civis. Uma das bases era exclusivamente destinada a hidro-aviões e o respectivo lençol de água tinha um comprimento superior a trinta quilómetros.

A guarnição de Malaca, composta de tropas incompletamente adestradas para a guerra moderna, era constituída por cerca de sessenta e oitenta mil homens que estavam sob o comando supremo do marechal do Ar, Brooke Popham. Mas o problema fundamental para essas tropas era o do domínio no mar e no ar, pois, sem se verificarem essas duas condições, a defesa da península e, em seguida, a defesa de Singapura tornavam-se impossíveis. Uma simples inspecção ao mapa de Malaca revela que, desde que as suas forças aeronavais estivessem em condições de operar desembarques sucessivos ao longo da costa, as tropas imperiais britânicas seriam obrigadas a recuar sucessivamente e a refugiar-se no perímetro fortificado de Singapura. A defesa da cidade teria sido possível apenas desde que, do lado de terra, ela houvesse sido bem tolta com a mesma pericia e com os mesmos meios poderosos com que havia sido preparada do lado do mar. A verdade, porém, é que isso não acontecia.

Com a fortaleza de Singapura sucedeu um episódio idêntico aquêlle que já se verificara na Europa com a

linha fortificada que tinha sido construída, à custa de sacrifícios pesados, para assegurar a defesa da fronteira francesa, a linha Maginot. Assim como esta última podia ser tomada por uma operação de envolvimento conduzida do lado da fronteira belga, por onde não havia sido prolongada, Singapura podia ser atacada e tomada do lado de terra, desde que as tropas invasoras chegassem às suas proximidades e pudessem atacá-la com a sua artilharia ou dominá-la com os assaltos impetuosos da infantaria e dos paraquedistas.

O «PRINCE OF WELLES» E O «REPULSE»

O governo britânico enviara para o Extremo Oriente, com funções especiais e com as mais largas atribuições, um dos homens de Estado da Gran-Bretanha que, no decurso da sua carreira, havia revelado mais brilhantes qualidades políticas e intelectuais. Duff Cooper fora ministro da Guerra no governo de Chamberlain e abandonara o gabinete em seguida à realização do acordo de Munich para poder criticar, com inteira liberdade, a orientação que encontrara nesse instrumento diplomático a sua mais adequada expressão. Com a presença de Duff Cooper no Extremo Oriente intensificaram-se os preparativos militares e a acção política. Mas essas medidas de última hora não podiam evitar a guerra com o Japão, nem orientá-la num sentido favorável.

Os chefes militares britânicos perceberam, claramente, que a defesa da península e portanto a defesa de Singapura só podiam ser asseguradas evitando desembarques maciços de japoneses ao longo da costa ocidental da península. Para isso, e para assegurar de maneira efectiva a colaboração naval com os Estados Unidos naquelas paragens enviaram para o Extremo Oriente duas das mais poderosas unidades da sua frota de linha: os couraçados «Prince of Wales» e «Repulse». O primeiro deslocava trinta e cinco mil toneladas e era, naquela altura, a mais moderna e a

mais poderosa unidade da esquadra britânica. O segundo deslocava trinta e duas mil toneladas e fora modernizado. O comandante da esquadra britânica nas águas do Oriente fora confiado ao almirante Tom Phillips. Este oficial era conhecido pela sua competência profissional indiscutível sendo considerado um dos mais brilhantes elementos do Almirantado britânico. Mas a sua escolha para aquêlle posto revestia-se ainda dum incontestável significado político. O almirante Tom Phillips era uma personalidade de confiança pessoal do Primeiro Ministro que sempre afirmara pelos seus méritos profissionais uma verdadeira admiração, considerando-o um dos mais completos estrategistas da moderna ciência naval inglesa.

NAVIOS DE LINHA SEM PROTECÇÃO AEREA

No dia 10 de Dezembro o «Prince of Wales» e o «Repulse» foram atacados e afundados pelos japoneses. As condições em que esse desastre, sem precedentes na história da marinha de guerra britânica, ocorreu, foram reveladas publicamente pelo Primeiro Ministro, Churchill, à Câmara dos Comuns numa declaração feita no final de Janeiro, em que se afirmava: «Por proposta do Estado-Maior naval, o gabinete de guerra resolveu enviar para o Oceano Indico uma esquadra de batalha para, em cooperação com a esquadra dos Estados Unidos, manter a protecção geral das nossas posições nas águas do Extremo Oriente. A resolução de enviar esses navios foi ainda tomada na esperança de impedir o Japão de entrar na guerra ou, no caso de esta esperança se malograr, de impedir o envio de combóios japoneses para o golfo de Sião, considerando-se em todas estas medidas que era muito forte a posição da esquadra americana nas Hawaii».

Houve, desde o início, a intenção de fazer enviar os navios dessa esquadra de linha por um porta-aviões. Infelizmente, na altura não havia disponível um único barco desta cate-



ria se exceptuarmos aquele que se encontrava em serviço nas águas metropolitanas. Deste modo, o «Prince of Wales» e o «Repulse» chegaram a Singapura desacompanhados. Mas esperava-se que em breve poderiam largar para bases secretas, devendo constituir, assim, pela sua simples presença, uma preocupação constante que embarçava os movimentos do inimigo. O almirante Tom Phillips, que comandava essa esquadra de linha, estava perfeitamente ao corrente das nossas intenções, e seguiu no «Prince of Wales» para as executar.

Depois de conferenciar com os comandantes e com os chefes do Estado Maior no Coral, o almirante decidiu emprender uma acção naval que con-



siderou justa e oportuna. Ele sabia que os transportes de tropas que se encaminhavam na direcção do istmo de Kra para efectuarem os primeiros desembarques de tropas japonesas na costa malaia vinham fracamente protegidos, e isso deu-lhe, naturalmente, a sensação da vantagem e da oportunidade de uma acção rápida. Se essa acção tivesse sido coroada de êxito, as tropas britânicas que se encontravam na península malaia ficariam em condições de impedir, à nascença, os desembarques, e haveria todas as probabilidades de assim se evitar a invasão. Como é fácil calcular, a operação projectada revestia-se de uma grande importância.

OS AVIÕES ATACANTES

O relato do Primeiro Ministro constitue a única informação autorizada que até hoje se divulgou sobre o afundamento dos dois navios de linha britânicos. Esse relato prosseguiu nos seguintes termos:

«O almirante Phillips não ignorava os riscos que corria. Não dispondo de um porta-aviões, tomou as providências que julgou convenientes para evitar um ataque aéreo: reconhecimentos e protecção da aviação de terra, esta última realizada por aparelhos de caça de curto raio de acção. naquelas paragens não existiam outros e foi, portanto, êsses que utilizou. Só depois de ter deixado a base de Singapura, o almirante foi informado de que precisamente na zona onde deveria operar essa protecção lhe não poderia ser fornecida. Atendendo, porém, à fraca visibilidade que se registava na ocasião, resolveu prosseguir a sua rota, ao longo da costa oriental da península, em direcção ao norte, a fim de executar o plano que estabeleceu.

No decurso da viagem o tempo clareou, e os navios sob o seu comando foram avistados pelo inimigo. Ao verificar essa circunstância, o almirante resolveu retroceder e colocar-se novamente na zona de protecção da sua aviação de caça. No decurso da retirada teve conhecimento de que os japoneses continuavam a efectuar desembarques ao longo da costa. Um desses desembarques realizara-se bastante para o sul, o que representava um perigo enorme para a segurança da península de Malaia. Apesar das condições difíceis em que operava, o almirante Tom Phillips decidiu ir ao local onde se realizara este último desembarque. Foi no regresso desse reconhecimento, que, aliás, não deu quaisquer resultados, que os navios foram atacados e afundados. Ao contrário do que se tem dito, os aparelhos japoneses que tomaram parte na acção contra o «Prince of Wales» e o «Repulse», não eram aviões torpedeiros ou bombardeiros lançados de qualquer porta-aviões, mas bombardeiros-torpedeiros, de grande raio de acção, que tinham partido de uma base instalada pelos japoneses e que distava mais de quatrocentas milhas do local onde se deu o desastre.

Essa base, tal como apparecia revelado no discurso do Primeiro Minis-

tro, não podia deixar de estar localizada na Índochina, sendo, decerto, uma daquelas em que os japoneses se haviam instalado depois das negociações conduzidas entre os governos de Tóquio e de Vichy.

O RETRATO DE UM JORNALISTA

Um jornalista experimentado, o correspondente do «Daily Express», O. D. Gallaber, assistiu ao episódio que deve considerar-se um dos mais impressionantes e dramáticos desta guerra, e descreveu-o no seu jornal. O jornalista encontrava-se a bordo do «Repulse». Segundo o seu relato, o primeiro ataque foi realizado por aviões bombardeiros de grande raio de acção que deixaram cair algumas bombas sobre os dois navios sem que houvessem produzido grandes estragos. Foi só depois que se iniciou o ataque realizado pelos aviões-torpedeiros que haviam partido da base indo-chinesa a que o sr. Churchill alludiu no seu discurso.

Os navios de linha ingleses foram sobrevoados por três ondas sucessivas de aparelhos desse tipo, figurando em cada onda nove aparelhos. O ataque, segundo o depoimento do correspondente do «Daily Express», foi conduzido com grande pericia, habilidade e disciplina. Mas nenhum dos aparelhos, ao contrário do que constou, caiu com a sua carga de explosivos sobre os navios, nem houve chara-kiris de nenhuma das tripulações dos aparelhos atacantes. «Os alemães, escreveu o jornalista Gallaber com comentário à acção que descreveu, nunca fizeram nada que se parecesse com isto, nem no Atlântico, nem no Mar do Norte, nem em qualquer outra parte.

«A única imagem que é lícito evocar quando se trata de descrever a morte do «Prince of Wales», escreve o jornalista inglês, é a de um tigre mortalmente ferido que ainda reage enquanto espera o golpe de misericórdia. A sua silhueta mal se distinguia no meio do fumo que era produzido

que o navio estava perdido, procurando salvar-se. Mas as explosões não deixavam de se fazer ouvir.

Foi quando presenciava esse espectáculo que senti o «Repulse», a bordo do qual me encontrava, oscilar medonhamente. Chegara a sua vez. O «Repulse» acabava de receber um torpedo e a esse primeiro ataque outros se seguiram, parecia o dia do juízo final. Um dos aviões que tomava parte no ataque precipitou-se no mar, em chamas. Pouco depois era o navio que se afundava, também em chamas.

Poucas vezes se terá registado, e na história da marinha de guerra inglesa nunca certamente se registou, um episódio tão dramático. Os críticos navais consideram que, na altura da guerra em que o desastre se deu, a perda do «Prince of Wales» e do «Repulse» foi mais sensível do que todas as perdas registadas pela Armada inglesa na batalha da Jutlândia.

Dos 2.925 oficiais e praças que constituíam a guarnição dos dois navios afundados, 595 perderam a vida. Entre os mortos contava-se o almi-



rante Tom Phillips e o comandante do «Prince of Wales», capitão de mar e guerra Leach. Dos vinte e sete aviões-torpedeiros japoneses que tomaram parte na acção, sete foram destruídos e perderam-se com as respectivas tripulações. Os outros torpedeiros que saíram de Singapura como única escolha dos navios afundados regressaram àquele porto trazendo os sobreviventes do drama.

A questão da responsabilidade da perda do «Prince of Wales» e do «Repulse» continua em suspenso. Um deputado, o sr. Archibald Southey, acusou publicamente o sr. Churchill de ser o principal responsável do desastre, afirmando que, apesar das indicações em contrário do Almirante, ele insistia em fazer seguir para o Extremo Oriente a esquadra de linha britânica sem protecção aérea. No seu discurso de 29 de Janeiro de 1942, nos Comuns, o sr. Churchill defendeu-se vigorosamente da ameaça, afirmando que ela não tinha qualquer fundamento, não correspondia à verdade.

Como é natural, os partidários da tese de risco defenderam sempre a iniciativa do almirante Phillips, que parece ter sido tomada apenas com



a sua responsabilidade. Calcula-se que o combóio que ele procurava interceptar com a sua acção, o qual, com já foi referido, vinha fracamente protegido, transportava mais de vinte mil japoneses. Assim, a sua decisão estava explicada pela importância do objectivo a alcançar. Os que assim argumentam acrescentam que operações idênticas, conduzidas por navios de linha sem protecção de porta-aviões, foram anteriormente conduzidas com êxito no Mar do Norte, e especialmente no Mediterrâneo.

Mas era absolutamente impossível que, obrigados a fazer uma viagem extensíssima ao longo do continente africano e do sul da Asia, os movimentos dos dois navios de linha britânicos não tivessem sido cuidadosamente seguidos pelos japoneses, cujos serviços de espionagem em alguns dos portos percorridos eram activos e vigilantes. E sendo assim, não se compreende que o almirante tenha corrido o risco que lhe foi fatal, bem como aos navios do seu comando, sem ter assegurado uma protecção aérea suficiente e eficaz. Certo é que a perda desses navios decidiu desde logo da sorte de Singapura.

(Continua)



por todas as peças do navio disparando simultaneamente. Vi claramente um dos aparelhos atacantes lançar um torpedo e este rebentar no meio do navio. As explosões sucediam-se com o intervalo de escassos segundos. Os homens, quando perceberam

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 63

HORIZONTAIS: 1 — Raça. 2 — Namoro. 3 — Appetite; Notícia. 4 — Prototipo de cálcio; Transpira; Altar. 5 — Paizão; lecs. 6 — Nem; Pronome pessoal (inv.); Art. f. (pl.); Estás.

VERTICAIS: 1 — Fraude; Divindade. 2 — Esfaimado. 3 — Embarcação ligeira. 12 — Dez vezes dez; Estrada; Quadrupede. 13 — Viração (pl.); Correia dupla que sustenta o estribo. 14 — Abeto, de espinho; Qualquer; Enzerguei; Existes. 15 — Banheira; Assim. 16 — Liga de mercúrio e estanho, aplicada nos espezhos; Puzador; Nome de mulher. 17 — Que tem forma de ovo! Fileira. 18 — Areal. 19 — Limpa o nariz das mucosidades.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 62

HORIZONTAIS: 1 — Sal. 2 — Coroa. 3 — Mota; Estearina. 5 — Altar. 6 — Apatinado. 7 — Mas. 8 — Nódulo. 9 — Rol.

VERTICAIS: 1 — Os; Pé. 2 — Tal. 3 — Som; Ela; Mor. 4 — Aromatizado. 5 — Lóia; Ram; Sol. 6 — Ira. 7 — In; Dó.

MEDICINAL

PASTA COUTO

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou biarmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L^{da} Pôrto



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★
EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
 EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
6.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
8.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
10.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
12.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
16.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
16.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
18.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
24.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

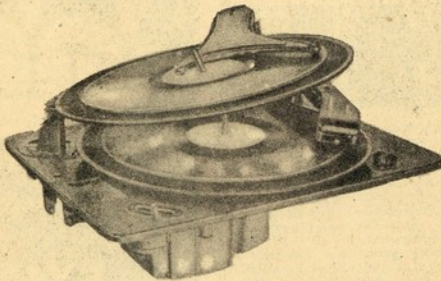
EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

DISCOFONES

COM MUDANÇA AUTO-
 MÁTICA DE DISCOS

EM CAIXAS DE MADEIRA DE BELO
 ACABAMENTO, PERMITINDO A AUDI-
 ÇÃO DE 8 DISCOS GRANDES E PEQUE-
 NOS SEM QUALQUER INTERRUPTÃO



O aparelho ideal para os
 amadores de boa música

Est. VALENTIM DE CARVALHO
 R. NOVA DO ALMADA, 97


CREMES
 PARA DE DIA
 E PARA DE NOITE



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
 Avenida da Liberdade, 35
 Telef. 2 1866 — LISBOA
 Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
 Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

ESCUtai



ROMA

NOVO HORÁRIO
 NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
 TODOS OS DIAS

Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
8.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
13.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
16.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
18.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 66	19.61	15300
22.50	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
		221.10 ondas	263.20 médios	
1.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

22.10	aos domingos	39.80
22.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Luis do Oliveira Guimarães



O LIVRO MAIS
 SENSACIONAL
 DO NOSSO
 TEMPO



Avenda em
 todas as
 Livrarias

• VIDA MUNDIAL EDITORA •

DR. ARAÚJO JORGE

Hlustre Embaixador do Brasil em Lisboa, que em breve abandonará o seu alto cargo diplomático, por haver sido substituído pelo sr. dr. João Neves Fontoura, uma das mais brilhantes figuras da política da grande-nação irmã.

(Caricatura de Santana)



Panorama Internacional

por Francisco Weloso

(Continuação da pág. 6)

de facto, colocaram a acção das esquadras italianas dentro dos planos com que o alto-comando alemão gisa a defesa continental por interceptação dos assaltos, que porventura os Aliados hajam concebido através do Mediterrâneo. E isto, que é afinal um caso de coordenação ou até de unificação de forças, eis o que importa. Essa coordenação torna-se até compreensível desde que se admita (como no dia 3 a Reuter informou) que oficiais italianos da arma submarina viessem servir em navios alemães da mesma espécie.

Eis o por enquanto aparece como esforço naval do Eixo no Mediterrâneo. Do lado dos Aliados há, porém, uma nova posição. Cunningham, uma vez readquirida a base de Malta livre de cercos, e reconquistados por Montgomery toda a zona costeira e todo o interior do Norte Africano até às entradas da Tunísia, encontra-se quasi senhor de todo o Mediterrâneo. A fiscalização do Estreito da Sicília pode considerar-se efectiva pela concentração de unidades de superfície da esquadra britânica, apoiada pela superioridade da aviação e pela acção energética dos submarinos. Não se ignora, por outro lado, que no Mediterrâneo Oriental se acumulam importantes forças navais aliadas, entre as quais os americanos estão largamente representados. E podem, perante tudo, ser recordadas aquelas palavras do Primeiro Lord do Almirantado, Alexander, a 20 de Fevereiro na Câmara dos Comuns, quando, depois de reavivar como a esquadra russa do Mar Negro, durante o temeroso avanço alemão no Caucaso impediu que o exército de von List pudesse ser abastecido por via marítima, e portanto mais directamente do que foi tão dificilmente por terra, mediante transportes partidos dos portos búlgaros de Varna e Burgas e do porto romeno de Constanza, onde para isso se trabalhou durante 18 meses,—afirmava: «Lembremo-nos de que as comunicações por via marítima são, não só as mais económicas, mas também as mais rápidas para enviar abastecimentos. São económicas não só no espaço e no consumo do combustível mas também no potencial humano—um dos grandes problemas da Wehrmacht. As campanhas vitoriosas do Norte de Africa e da Rússia mostraram que o poderio naval pode sustentar um exército. Estas campanhas mostraram também como a falta de poderio naval contribuiu para o afrouzamento, a sufocação e a derrota final dos mais acerrados planos do nosso astucioso e decidido inimigo. Quando os alemães tiverem sido finalmente expulsos da Tunísia, o auxílio que a marinha de guerra poderá prestar aumentará ainda mais».

Mas, se já assim está sendo demonstrado, é preciso não perder de vista que o grande centro vital dos

abastecimentos aliados (a despeito da multiplicação até inconcebíveis auges da produção britânica conduzida por Lord Lyttelton—reside do lado de lá do Atlântico, e que é forçoso fazer a travessia poderosamente escoltada deste oceano para manter livres e contínuas essas comunicações essenciais. Por isso mesmo, a Alemanha, mormente depois do que lhe aconteceu durante o inverno na campanha da Rússia, e depois de haver remontado todos os antigos planos de guerra, confiou a reactivação a todo o transe da campanha submarina (e por isso mesmo ergueu o almirante Doenitz a supremo chefe das suas forças de mar) a missão, para ela também vitalíssima na presente conjuntura, de desferir contra os seus inimigos o grande golpe de retardamento das suas ofensivas.

Nos fins daquele mês de Fevereiro, Knox congratulou-se com menor número de afundamentos; a tonelagem mercante da América, segundo o relatório da Câmara de Comércio e Navegação britânica, subia a 8 milhões em 1942. No entanto, logo a 4 de Março, o representante do Reino Unido na respectiva Comissão de produção naval, Salter, estabelecia quasi grave era a situação porque as Nações Unidas constroem actualmente muito mais navios do que perdem, mas o ritmo de produção de submarinos do Eixo é igualmente superior ao ritmo das perdas. E Salter acrescentou: «A situação no que diz respeito aos navios é grave e inquietante porque as Nações Unidas têm de possuir suficiente tonelagem para transportar tantas forças quantas precisem para as lançar contra o inimigo».

Um mês volvido, é Knox, confirmando declarações do almirante Woodward, (de Estocolmo) anunciou-se a 17 de Março que a esquadra alemã de alto-mar se aprestava a entrar em acção) que diz: «Existem sinais duma maior actividade dos submarinos inimigos, no Atlântico. É certo que os torpedeamentos são mais numerosos. Mais submarinos se encontram no mar. A situação é grave».

A batalha do Atlântico, a maior desta guerra é o nó górdico da vitória aliada. E das duas uma:—ou os Aliados o cortam a tempo por meios próprios ou terão de procurar no vasto oceano ocidental os pontos de apoio para isso necessários, como fez o almirantado norte-americano no Pacífico, no Hawai e nas Salomão. Dura lex, sed lex. A ofensiva aliada no continente aguarda esse momento? Ou será lançada sem mais demoras? O que quis dizer Smuts ao afirmar que a guerra poderá acabar subitamente, mas não amanhã? Para onde vamos?...

10-4-943.

ESTUDOS, RAÇAS, CARÁCTERES

por CLOTILDE RANDI

É um problema para os grafólogos o decifrar o carácter do escrevente em qualquer lingua que escreva.

As leis da grafo-psicologia aplicam-se, sem dúvida, aos alfabetos em geral, mas muitos sinais estão submetidos à forma determinada duma letra, modificando-se ou desaparecendo quando o alfabeto muda.

Assim, a escrita latina dá lugar a um quadro grafológico particular, a escrita árabe reclama um outro, e a escrita japonesa ainda um terceiro, apesar de estarem submetidas a leis gerais.

Quanto mais os sinais gráficos diferem dos nossos, tanto mais difícil nos é estudá-los.

Não se suponha, por exemplo, que um grafólogo português, destituído de cultura grafo-psicológica geral, habituado à forma gráfica do seu país, possa, com a mesma facilidade, sem estudo prévio, julgar tão bem um inglês ou um suco, sob o pretexto de que se servem do alfabeto latino. Em geral, os grafólogos sentem-se mediocrement inspirados ante uma carta escrita em lingua estrangeira, e mesmo uma escrita na sua respectiva lingua por uma pessoa de nacionalidade diferente.

Assim, os alemães que aprenderam

a escrever em caracteres góticos, põem na execução da letra latina um não sei quê de gótico muito reconhecível, que pouco tem que ver com as particularidades do carácter.

O aspecto geral duma tal escrita surpreende; as letras, os seus agrupamentos afectam formas novas anormais para nós.

Por outro lado, para falar dum carácter, é bom conhecer o ambiente em que vive a personagem analisada.

O nosso fim, ao traçar um retrato, é fazer o destaque de uma *personalidade* do meio que a envolve.

Não é o carácter dos chineses que se faz mister encontrar numa escrita chinesa, mas sim o de um chinês que faz diferença dum seu outro compatriota.

Quando uma qualidade é normal num país e mais rara noutro, é preciso levá-la em conta, para dar no retrato grafo-psicológico a vida e o cunho particulares que impedem de confundir-lo com uma análise muito generalizada.

A par destas considerações, acrescentamos ter-se demonstrado cientificamente que no traçado gráfico, assim como na mimica em geral, há expressões comuns a todas as raças humanas e, portanto, uma psicologia básica universal.

Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	CENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ").....	26\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ").....	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
ÁFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números)..... 47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 ")..... 94\$00



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

DESVENTURAS DE PAQUITO — BONECOS PARA MIÚDOS POR ZECO



— Ora vamos lá a ver se caço algumas borboletas para a minha colecção!...



— Olha, lá vem uma! Deixa-me ir a ela—antes que fuja...



— Oh diabol! Lá se foram os óculos!... Mas esta não me escapa!...



— Afinal—quem não escapou fui eu!...

RUMORES DO MUNDO

Onde se encontra Horia Sima, famoso chefe dos Guardas de Ferro romenos?

ABORTARA uma conspiração contra o general Antonesco, actual «conductor» da Roménia e Horia Sima, célebre chefe dos Guardas de Ferro romenos, teve de desaparecer da ribalta política. Chegou a noticiar-se a sua morte mas sabe-se agora que se encontra na Alemanha, desde a sua fuga da Roménia, após aquela conspiração.



HITLER

O ponto mais curioso desta informação, reside, porém, num outro pormenor divulgado: o chanceler Hitler teria cedido a casa de campo de Rudolfo Hess, nas proximidades do Lago Starnberg, na Baviera, para que o chefe político romeno se instalasse aí com os seus colaboradores e partidários. No entanto, apesar de tão particulares deferências, Horia Sima é oficialmente designado como «prisioneiro do Estado». Pelo menos, foi assim que os jornais romenos o anunciaram...

Quem é o general Patton?

DOS oficiais americanos que dirigem as operações na frente de batalha da Tunísia, merece destaque especial a pitoresca figura do major-general Georg S. Patton.



EISENHOWER

Dotado de extraordinário espírito de aventura, Patton dirige os seus homens de bordo dum tanque, quando a divisão blindada por ele comandada se empenha nos combates em que ele próprio toma parte activamente. Por exemplo, quando da entrada das tropas americanas em Gafsa, Patton, ao saltar para fora do seu tanque, trazia na mão uma metralhadora ligeira que nunca mais largou enquanto duraram as operações que precederam a tomada desta cidade.

Patton é, apesar de todas as suas excentricidades, considerado um dos maiores peritos da América em matéria de unidades blindadas e, consequentemente, o adversário mais indicado para o general Rommel. Durante a outra guerra, Patton pertenceu ao Estado-Maior do general Pershing, estudou em campanha os métodos de ataque dos tanques britânicos, durante a batalha de Cambrai e foi o organizador da Brigada de Tanques Americanos em França.

Qual é a situação dos polacos internados em Espanha?

O Governo espanhol, como consequência do interesse demonstrado pelo Governo londrino sobre o assunto, resolveu libertar grande número de polacos internados em Espanha, desde que terminara a guerra civil. Cerca de 130 já chegaram à capital britânica e muitos outros estão à espera de facilidades de transporte. A sua idade oscila entre menos de 18 ou mais de 48 anos — o que leva a considerá-los inaptos para o serviço militar. Alguns combateram na Guerra Civil Espanhola contra o general Franco. Mas a maior parte são refugiados escapados para Espanha, depois do colapso polaco, em 1939.



FRANCO

O gesto de simpatia do general Franco foi muito apreciado e elogiado pelas esteras officiosas britânicas e faz prever a hipótese de que outros internados políticos, naturais de outros países, serão igualmente libertos dentro de pouco tempo.

Qual foi a atitude do rei Leopoldo III em face do recrutamento de operários belgas para trabalhar no Reich?

SEGUNDO a Agência de Notícias belga, o rei Leopoldo, que se encontra detido no castelo de Lacken, protestou junto das autoridades alemãs contra a deportação dos operários belgas.



HITLER

Este protesto foi tornado público por uma carta do próprio rei para o sr. Noef, presidente da Cruz Vermelha belga. Segundo a referida agência, esta carta foi publicada no jornal clandestino *La Libre Belgique* e nela o rei afirma: «Em face da compulsão imposta aos meus compatriotas, entrei em contacto com o Chanceler do Reich alemão e informei-o do profundo ressentimento que as deportações em massa estavam a causar entre todas as classes duma população que nunca esqueceu os acampamentos de trabalho da guerra de 1914-1918, e pedi-lhe que revogasse com a maior urgência uma medida que atinge injustamente um povo que nada tem a ver com este conflito.

«Recebi a resposta de que as necessidades da guerra impediam a Alemanha de suspender estas deportações. Não tive outro remédio senão tomar conhecimento desta re-

usa, mas faltaria aos meus deveres, que a minha consciência dita, se não tentasse aliviar os sofrimentos impostos por estes trabalhos forçados que se tornaram agora inevitáveis».

Quem é o novo Comandante-supremo da forças britânicas na Pérsia?

EM consequência da demissão de sir Henry Maitland Wilson do cargo de comandante-supremo das tropas britânicas aquarteladas na Pérsia e no Iraque, coube a vez a sir Henry Powuall, ex-comandante supremo do Extremo-Oriente antes da ocupação de Singapura pelos japoneses, assumir aquelas funções.



WILSON

Sir Henry Powuall, que conta 56 anos, foi condecorado com a Ordem dos Serviços Distintos e com a Cruz Militar durante a guerra de 1914-18.

Durante a Batalha da França, o general Powuall foi chefe do Estado-Maior General do Corpo Expedicionário Britânico.

Em 1940, foi nomeado inspector-general da Guarda Metropolitana; depois, esteve no Norte da Irlanda, e em 1941 passou a desempenhar as funções de vice-chefe do Estado-Maior Imperial.

Em fins daquele ano, foi escolhido para comandante-supremo das forças do Extremo-Oriente, quando partiu para Singapura. Em Janeiro de 1942, foi nomeado Chefe do Estado-Maior do Supremo Comandante do Sudoeste do Pacífico e, em Março de 1942, foi transferido para o comando das forças da Ilha de Ceilão, onde tem estado até agora.

Será possível a realização de bombardeamentos aéreos às cidades dos Estados Unidos?

EM virtude de se ter noticiado recentemente que os alemães tinham convertido vários navios mercantes em porta-aviões equipados com catapultas capazes de lançar no espaço bombardeiros de 15 toneladas completamente carregados, o brigadeiro-general Willis Taylor, da aviação norte-americana prevê a hipótese de tais bombardeamentos serem realizados ainda este ano.



ROOSEVELT

É ao avisar os seus compatriotas para que se preparem para estas incursões aéreas, o general Taylor explicou: «A única razão que levou os alemães a não tentar bombardear as nossas costas, é o receio de despertar com mais violência o espírito combativo dos americanos, e torná-

-los ainda mais perigosos e agressivos como combatentes».

Quais foram as medidas tomadas pelos alemães, em França, para a eventualidade duma invasão?

AS perspectivas duma segunda frente e a necessidade de manter a ordem em caso de invasão da França estão a preocupar grandemente as autoridades alemãs chefiadas pelo general Rundstedt.



LAVAL

Por este motivo, o Departamento da Imprensa alemã em Paris publicou uma série de instruções em que se avisam todos os franceses que em caso de invasão deverão abandonar imediatamente as suas casas, deixando abertas todas as portas e janelas, e procurar abrigo nos locais que lhes foram previamente indicados.

As estradas não deverão ser bloqueadas pelos fugitivos ou refugiados e deverão ser concedidas todas as facilidades às «tropas encarregadas da defesa da Europa». O não-cumprimento destes regulamentos será punido ou com a morte dos infractores ou com represálias sobre reféns.

Como se traduz a popularidade do general Montgomery?

ANTIGAMENTE, as grandes celebridades mundiais eram os astros de cinema, do teatro e do desporto; porém, hoje com as modificações introduzidas na vida pela guerra tudo se transformou e os chefes militares passaram a gozar duma popularidade que por vezes atinge as culmâncias da adoração.



MONTGOMERY

É o caso que passamos a relatar é dos mais curiosos e pitorescos. O general Montgomery recebe, sempre que as facilidades de transporte de correio o permitem, centenas de cartas das suas admiradoras e admiradores, às quais o general procura responder sempre que lhe é possível.

Ora, duas destas simpáticas admiradoras tiveram uma ideia genial — nada mais nada menos do que propor casamento ao general Montgomery, que é viúvo há seis anos.

Comentando este episódio numa carta para sua mãe, Lady Montgomery, o próprio general escreve: «O que é mais curioso é que ambas as cartas vieram no mesmo barco, o que, sem dúvida, deve ser um «récord».

JOSE CORREIA RIBEIRO.

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

L U I Z A N O B R E

Distinta artista lirica, uma das
melhores cantoras portuguesas da
actualidade.

(Foto Jorge Garcia)



4-51 R 2